abc PORTUGAIS - FRANÇAIS Portuscale

www.facebook.com/museucombatente.oficial

L'Halloween
Le 31 octobre

Não ao Acordo Ortográfico

Num. **171** Ano / An 8 - 24 de Outubro / 24 octobre 2020

• jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português •

Carta ao Almirante

Exmo. Senhor Almirante Chefe.

Prezado Amigo. Calculo que compreendas a razão deste meu escrito, pois o mesmo prende-se com um insulto de que fui vítima recentemente.

Como sabes, o Sr. Cravinho, um borra botas saído da cartola do Sr. Costa para o lugar de Ministro da Defesa, resolveu insultar a Instituição Militar com uma Directiva absurda, idiota, e saída de um cérebro incapaz de parir o que quer que seja que jeito tenha.

Sabes perfeitamente, que o borra botas do Sr. Cravinho, sabe tanto de Tropa como eu de lagares de azeite, e dentes, tal e qual como todos nós, que a directiva gramatical e de expressão oral no relacionamento na Instituição, é um aborto saído duma mente deturpada e, só Deus sabe, se não violada por fumos fonestos e esquisitos.

Assim, peço-te o favor de que digas ao cavalheiro em questão, que os Militares que, há quase 50 anos, arriscaram a vida, a carreira e a família para que o dito cavalheiro hoje seja ministro da Defesa Nacional, e não um terceiro oficial de um qualquer ministério, estão muito zangados com ele e, respeitosamente já se vê, o mandam para aquele sítio donde o dito senhor nunca devia ter saído.....sítio que a boa educação e a moral pública me impedem de explicitar.

Caso decidas, num desagravo aos teus camaradas e subordinados que esse imbecil tratou como selvagens, atirar-lhe com as estrelas ao focinho e mandá-lo apanhar num sítio feio, podes estar completamente certo de que toda a Instituição Militar, nos seus três Ramos no Activo, Reserva e Reforma, te aplaudirá com toda a força de uma alma amargurada pelos tratos de polé que, disciplinadamente tem sofrido.

Para tua tranquilidade quero que saibas que, porque assim sempre foi, tu nunca deixarás de ser Almirante de quatro estrelas e garantido no respeito, e admiração dos teus camaradas..... enquanto que o Sr. Cravinho, quando se acabar a mama do ministério, voltará a ser o borra botas que, por muito que lhe custe e mais à seita que o pariu, NUNCA deixou, nem NUNCA deixará de ser.

Com um grande abraço do Zé Henriques.

OVE OVEM OVIS SEMPRE PONE

REPÚBLICA PORTUGUESA
DEFESA NACIONAL

Ver na página 11 a chamada de apoio aos Comandos de Portugal do Corpo de Instrução do Curso 127 que foram constituídos arguidos. A vossa ajuda é necessária e bastante apreciada. Colaboremos.

L'Halloween au Canada

Article par Andrew McIntosh

L'Halloween est célébrée chaque année dans la nuit du 31 octobre. On pense que l'origine de la fête vient d'un festival celtique qui marquait la division entre la période de l'année où les jours sont plus longs que les nuits et celle où les nuits sont plus longues que les jours. On croit aussi que c'est le jour où la frontière entre le monde des morts et le monde des vivants est à son plus mince. Les coutumes d'Halloween comme les costumes et les masques portés pour éloigner les mauvais esprits, et les offrandes rituelles laissées dehors afin d'apaiser les esprits malveillants arrivent au Canada avec des immigrants écossais et irlandais à partir du milieu à la fin des années 1800. Le premier cas connu de déguisement pour la fête d'Halloween dans l'Amérique du Nord a lieu en 1898 à Vancouver, en Colombie-Britannique. Cependant, la première utilisation de la phrase « trick or treat » (farce ou friandise) est enregistrée à Lethbridge, en Alberta, en 1927. La popularité de l'Halloween auprès des adultes remonte au début des années 1990; en 2014 on estime sa valeur à un milliard de dollars canadiens, c'est qui en fait la deuxième fête la plus commerciale (après Noël).

Les origines chrétiennes de l'Halloween

Quant aux origines de l'Halloween, le débat est ouvert. De nombreuses personnes font valoir que l'Halloween est partiellement ancrée dans le christianisme, plus précisément dans la fête de la Toussaint célébrée en l'honneur des saints. Le mot Halloweena des origines chrétiennes et est dérivé de All Hallows Eve, la veille de la fête chrétienne de la Toussaint ou « le soir de tous les saints ». Au fil du temps, le calendrier chrétien s'est rempli de jours commémoratifs en l'honneur de tel ou tel saint, de tel ou tel martyre, de sorte qu'il est devenu nécessaire d'établir une journée en l'honneur de tous.

La Toussaint est établie en mai 609 ou 610 par Boniface IV, quand il consacre le Panthéon de Rome à la Vierge Marie et à tous les martyres. On la célèbre d'abord le 13 mai puis, lorsque le pape Grégoire III (731-741) consacre une chapelle de la basilique Saint-Pierre à tous les saints, on la déplace au 1er novembre. Au siècle suivant, le pape Grégoire IV (827-844) décide que le 1er novembre sera célébré dans les églises occidentales en l'honneur de tous les saints (dans les églises orientales, cette fête est célébrée le premier dimanche qui suit la Pentecôte).

Visitez Le Portugal

A Chuva e o Bom Tempo

Julgando um dever cumprir, sem descer do meu critério
Digo verdades a rir, Aos que me mentem a sério

António Aleixo 1899-1949

O Antipoda do Zé do Telhado

Pensando em todos os contrastes, todas as *"pandemias"* financeiras e nos descalabros a que o povo, por não mexer uma palha que se oponha parece concordar, divaguei — pelo contraste —sobre essa legenda dos finais do século XIX nascido no lugar de Telhado, freguesia de Castelões de Recesinhos, concelho de Penafiel, que se fez conhecer pelo apelido de Zé do Telhado.

Pouco se sabe do Zé do Telhado. *Nos Arquivos de Penafiel, seu concelho natal, diz-se que se terá alistado no Exército, em Lisboa, chegando a comandar tropas, tendo-se destacado pelo seu comportamento militar e pela sua postura destemida ao serviço dos designados "Lanceiros da Rainha".*

Com o fim da guerra civil, em 1837, e a caminho do exílio, recebe autorização do seu tio para casar com a sua prima Ana. Regressa, então a Recesinhos, onde constituiu família.

Com a Revolução da Maria da Fonte, em 1846, José do Telhado integra a revolta popular. Durante os confrontos, chega mesmo a salvar a vida do General Sá da Bandeira, sendo por este feito, posteriormente por ele, com a medalha de Cavaleiro de Torre Espada.

Após a Convenção de Gramido, que ocorreu em Julho de 1847, termina a "Revolta de Maria da Fonte". Por esta altura, a sua família debatia-se já com sérias dificuldades financeiras. É a partir daí que lhe é atribuída a lenda de"roubar aos ricos para dar aos pobres".

Andou depois por Angola onde deixou o nome em diversos patrimónios e uma consideração e amizade por entre a população, que ainda hoje, cuida do modesto mausoléu onde repousam os seus restos mortais.

Era um homem totalmente diferente do seu oposto, o PM António Costa. Enquanto um faz mudanças na direcção dos organismos quie poderiam intervir para controlo dos fundos avultados a receber da Europa, substituindo cabeças como a PGR Joana Vital por uma amigalhaça de José Sócrates, afim de não incomodar nenhum dos eleitos a uma parte dos fundos europeus, pelo rigor das normas anti corrupção que a ex-PGR tinha estabelecido e faria aplicar agora, Zé do Telhado, correspondendo aos seus conceitos duma justiça muito pessoal, roubava aos ricos e distribuída pelos pobres a receita dos roubos que fazia.

Segundo um vídeo que circula, ou circulou, na WEB, numa intervenção de José Gomes Ferreira, a planifiicação preparada por António Costa para distribuição pelos camaradas do PS, pôs o seu anterior Ministro das Finanças como principal executivo do Banco de Portugal, para melhor controlar os dossiers que não vão deixar de aparecer e, desse modo, dar-lhe o destino que mais convenha no prosseguimento do plano de absorção dos 58 milhares de milhões de Euros de que se aguarda a chegada bem breve.

Pode haver nesta técnica cujos contornos se começam a definir, uma forma de medo — o medo que tanto aflige grupos da deputação — devido ao crescente avanço detectado no meio do candidatos às próximas eleições que, talvez possam enviar para as ortigas actuais membros do Governo e assujeitá-los a confrontar Tribunais reconstituídos. Assaltando os fundos a entrar no país antes das eleições, dará o tempo essencial de fazerem as divisões e poderem sair do país definitivamente para locais não respeitadores de leis de extradição. Desse modo, sentindo já a "sôpa" um pouco quente, seria a maneira da maioria dos parasitas se apascentar deixando Portugal entregue aos bichos. Na bancarrota. Com dívidas avolumadíssimas e de muito difícil possibilidade de pagamento ou mesmo, apenas, parcialmente.

Eles, os parasitas, deixariam Portugal com fundos transferidos para países de acolhimento, onde seriam ou poderão ser, manda-chuvas a coberto das leis portuguesas. Se os resultados destas eleições dessem para uma substituição da canalha socialista, o governo que se formasse, devria a todo o custo, alterar a Constituição Portuguesa de molde a poder ir buscar fortunas roubadas que nos fazem falta. Não quero fazer lista de ladrões porque se tornaria demasiado longa. Creio no entanto, que pensamos nos mesmos. Voltemos à planificação da distribuição do "bolo" de cifrões.

A ideia de António Costa é de transformar o país num Estado de Agente Económico, que tudo *"fará"* para guardar na mão os dinheiros vindos da Europa, abandonando os sectores que deveriam ser tomados como os mais aptos ao desenvolvimento e recuperação nacional: a Exportação e a Agricultura. Turismo e Lavoura. Neste campo, penso que poderia fazer-se em Portugal um projecto de desenvolvimento global feito em colaboração com investimentos privados aos quais, seriam dadas facilidades e garantias por um certo número de anos, muito menos buracracias e baixas ou nenhumas taxas governamentais. (Durante 5 anos, por exemplo). Ou seja, permitir desenvolvimento com a implicação do povo, projectado para o futuro e dando a possibilidade de explorar zonas turísticas que temos, sabemos, abandonadas. Há que dar a possibilidade de se investir no que é português, aproveitando, até, esta fase da dita pandemia para ir desenvolvendo ao gosto do cidadão. Impedindo o saque do país.

Portugal, queiramos ou não, tem no turismo uma fonte não negligenciável de economia. Porém, não penso que se deva apenas desenvolver o Algarve. Há muitas zonas no país que necessitam de apoios e de ideias valorizantes. Há que fornecer ao turista a possibilidade de ver e fazer outras coisas que ir à praia molhar os pés.

E porque não fazer concursos ou referendos junto dos países que mais fornecem turistas durante o ano, a saber as preferências de eventuais visitantes, e após concordância, pô-las em prática?

Mais do que nunca, pôrem, deve-se pôr lado a cumplicidade do PR com os encarnados do PM e avançarem no desenvolvimento do país. Porque breve, haverá uma outra polémica que vai fazer muita mossa. Os grandes bancos do mundo, decretaram já a anulação do dinheiro moeda a curto prazo. Mesmo o PR já assinou um diploma para num caso de contratos, apenas se pagará a dinheiro quando esses serviços não ultrapassarem 3 mil euros. Que acontecerá quando o Zé tiver dinheiro no banco e não puder utilizá-lo? Terá de se habituar ao dinheiro virtual pagando as taxas bancárias que os bancos utilizarão... Entretanto, fica no ar a chegada dos 58 mil milhões de euros, vindos da Europa. Quem ficará com eles?

Raul Mesquita

Le bateau pourrait dater du milieu du XIXe siècl

Étonnante épave découverte devant l'Isle-aux-Coudres

Jean-François Cliche / Le Soleil

«Si cette épave-là avait été dans 20 pieds d'eau (6 m), on ne verrait probablement rien d'autre qu'un tas de vase. Mais là, elle est sur un fond rocheux et les artéfacts sont déposés dessus comme si le bateau avait coulé il y a à peine 10 ans.»

C'est pourtant loin d'être un yacht presque neuf que l'équipe de Sébastien Pelletier, du groupe Plongeurs d'épaves techniques du Québec, a découvert dans le fleuve cet été, à la hauteur de l'Isle-aux-Coudres. La structure en bois, les chiffres romains sur la poupe pour indiquer le tirant d'eau (plutôt que des chiffres arabes comme aujourd'hui), les bouteilles dont la forme et l'intérieur foncé suggèrent qu'elles ont pu être des encriers, tout cela lui fait croire que le bateau pourrait dater de quelque chose comme le milieu du XIXe siècle. Cela reste encore à valider, mais cela pourrait suffire à en faire une épave patrimoniale.

Et par-dessus tout, précise M. Pelletier, «c'est l'état de préservation qui est assez impressionnant. Oui, il y a des moules zébrées un peu partout, mais le bois est relativement intact à cause des conditions quasi anoxiques [ndlr : sans oxygène] qu'il y a au fond et parce qu'on est en eau encore peu salée, donc il n'y a pas de ces vers marins qui vont manger le bois. Il y a même des barils qui sont encore alignés sur le pont, mais on n'y a pas touché parce qu'il aurait fallu altérer l'épave et que ça nous aurait pris un permis [de fouilles archéologiques]».

Un peu partout sur le site, les plongeurs ont facilement trouvé toutes sortes d'objets, dont des centaines de pipes en argile. «Vous savez, quand on plonge sur l'Empress [of Ireland, un paquebot qui a coulé devant Rimouski en 1914 et qui est maintenant une destination prisée des plongeurs, ndlr], il faudrait creuser dans la vase pour trouver le moindre artéfact. Mais là, on était estomaqué d'en voir autant sans même avoir à fouiller», dit M. Pelletier.

La suite du dossier est désormais entre les mains du ministère de la Culture, qui devra décider s'il classe l'épave comme «patrimoniale» ou non. Chose certaine, c'est que si des fouilles en bonne et due forme sont éventuellement effectuées sur place, elles ne seront pas faciles à faire. Le bateau lui-même n'est pas très grand, mesurant un peu plus de 22 mètres de long, mais il se trouve à plus de 40 mètres de fond dans une zone qui se prête très mal à la plongée. Les courants et les marées empêchent d'y plonger longtemps, et «il est hors de question de plonger là sans avoir un grappin sur l'épave», dit M. Pelletier — ce qui n'est pas facile à réussir compte tenu de la taille de la chose dans l'immensité du fleuve.

Un peu partout sur le site, les plongeurs ont facilement trouvé toutes sortes d'objets, dont des centaines de pipes en argile.

KEVIN BROWN, PTO EXPLORATION

Ce sont des cartes bathymétriques réalisées au «scanner» par le fédéral en 2007 qui ont révélé l'existence de cette épave. «On avait parlé à des habitants de la place, qui nous avaient dit que c'était une barge des années 50 ou 60 qui était là, mais on a tout de suite vu que ce n'était pas ça du tout. Le bateau n'était pas en acier, mais en bois, il y avait la base d'un imposant mât, et juste à côté de l'endroit où le grappin s'était accroché, il y avait une grosse ancre de 2,5 mètres environ, et une autre juste à côté qui n'était pas attachée, donc qui devait servir d'ancre de rechange», relate M. Pelletier.

«Ce n'est pas facile de plonger dans le secteur de l'Isle-aux-Coudres, les premières fois qu'on est allé, on s'est fait brasser pas mal, se souvient-il. Mais on a fini par trouver la bonne recette, et on a été chanceux d'être capable de grappiner l'épave rapidement. L'eau est très froide à cet endroit, au maximum 4 ou 5°C, et c'est un milieu très obscur : en bas de 20-25 mètres, on tombe dans le noir complet, alors ça prend de l'équipement. Et même bien équipé, on n'avait pas eu plus de 2 mètres de visibilité pendant cette expédition-là, parce que c'est dans le bouchon vaseux du Saint-Laurent.»

Les «bouchons vaseux» sont des zones que l'on trouve dans nombre d'estuaires du monde où la rencontre des courants et des marées, des eaux douces et salées, crée un milieu qui concentre les matières en suspension. Dans le fleuve, cette zone s'étend grosso modo entre l'île d'Orléans et l'Isle-aux-Coudres [https://bit.ly/2Gn2cB3].

«C'est la première fois qu'on doit contacter le Ministère de la Culture pour signaler une épave d'avant 1945, année qui sert de démarcation un peu arbitraire entre ce qui est considéré comme potentiellement patrimonial ou non, dit M. Pelletier. Mais l'état de préservation est vraiment exceptionnel. D'habitude, ce qu'on trouve, c'est des tas de planches!»

Précision : une version antérieure de ce texte a été corrigée pour mentionner que l'eau à la hauteur de l'Isle-aux-Coudres est légèrement salée — pas assez pour que des vers marins y vivent, mais techniquement elle n'est plus «douce» non plus.

Salazar e a Rodésia

Para quem já não se lembra: Salazar e a questão da Rodésia

Mais tarde, com o socialista Mugabe, começou a degradação humilhante, e o país africano com melhor nível de vida (era a inveja dos sul-africanos), perdeu a grande maioria de colonos brancos, a capacidade produtiva e de exportação, a organização institucional esmerada, e arrasta-se numa ditadura miserável, sendo que alguns da população fogem para a África do Sul na esperança de refazerem vidas. Estive lá, durante o princípio do fim.

JD

Na altura em que os Portugueses tinham …!!!!! TOMATES

Salazar e a questão da Rodésia
(Sobre Guerra em Moçambique)

Em Novembro de 1965 eu tinha apenas 11 anos, acabados de fazer, mas acompanhei com sofreguidão o evoluir dos acontecimentos.

Vivia em Vila Pery, hoje Chimoio, mas por muitas vezes ía à Beira e por também muitas vezes visitava aquele território inglês com os meus pais.

Admirava o estilo de vida que os *"bifes"* tinham trazido para ali, a Ordem, o Rigor, a sede de Cultura, com espectáculos semanais de ópera numa cidadezinha como Untali, com menos de 30 mil habitantes.

Nesse fim de 1965, o governo inglês dirigido por Harold Wilson decidira entregar o governo da Rodésia do Sul à maioria negra como fizera na Rodésia do Norte (Zâmbia) e com a Nyassaland (Malaui).

A população branca residente na Rodésia do Sul, cerca de 250 mil colonos, decidiu que Ian Smith seria o primeiro ministro de uma Rodésia independente, governada por brancos, à semelhança do que acontecia na África do Sul, país que imediatamente apoiou a iniciativa.

Pouco tempo depois, o governo inglês enviou para o Índico uma *task force* constituída por um porta-aviões, três fragatas e navios de apoio, num total de nove navios.

A missão dessa força militar era desembarcar na Beira, porto marítimo e principal via de abastecimento e de escoamento de produtos da Rodésia, e de seguida rumar àquele território para impôr pela força a aceitação de um governo negro.

Por essa altura os hoteis de Moçambique e da África do Sul encheram-se com as mulheres e crianças idas da Rodésia, onde apenas ficaram os homens, em armas e dispostos a tudo para manter o governo de Ian Smith.

Salazar não hesitou.

A entrega da Rodésia à maioria negra iria abrir uma nova frente de guerra no distrito de Manica e Sofala, bem como na fronteira sul de Tete.

Sem pensar duas vezes, Salazar deu ordens às forças portugueses aquarteladas na Beira no sentido de impedir o desembarque dos ingleses.
Nessa altura foi reactivada a bateria de costa da Beira, constituída por 3 peças fixas Krupps, se não estou em erro de 150mm, localizadas no bairro das Palmeiras.

Foram deslocadas para a foz do rio Pungué várias peças de artilharia móveis e o terraço do Grande Hotel serviu de base a diversas peças de artilharia anti-aérea.

Em poucos dias a cidade da Beira fortificou-se, preparando-se sem hesitações para resistir a um ataque dos ingleses.

A frota inglesa, mesmo assim entrou nas águas territoriais nacionais, supondo que os portugueses não lhes fariam frente.

Saíram ao seu encontro 2 T-6 Harvard, que dispararam algumas rajadas de aviso para a água, em frente à esquadra inglesa.

Aí os ingleses perceberam que a ocupação da Beira, onde queriam estabelecer uma testa de ponte para atacar a Rodésia, não ía ser pacífica. Possuíam naquele momento forças suficientes para derrotar os portugueses, quer em homens, quer em aviões, mais de meia centena de caças bombardeiros contra alguns T-6 Harvard e PV2 Harpoon, que seriam facilmente abatidos por serem aviões lentos, quer em poder de fogo por parte das peças de artilharia das fragatas.

Apesar da desigualdade de forças, em momento nenhum os portugueses pensaram em virar as costas ao combate.

Várias pontes da estrada de 300km que ligava a Beira à Rodésia foram armadilhadas pelas forças portuguesas, que tinham ordens para as destruir em caso de desembarque inglês.

Harold Wilson decidiu suspender o ataque que iria opôr os aliados de séculos, percebeu que Salazar não permitiria o desembarque.

A frota inglesa regressou a águas internacionais onde iniciou um bloqueio naval a todo o tráfego que rumava à Beira.

Apenas passavam os navios com mercadorias de e para Moçambique.

Os que traziam abastecimentos para a Rodésia eram impedidos de entrar no porto da Beira.

Em pouco tempo o dispositivo militar foi reforçado em terra.

De Portugal e de Angola chegaram aviões de combate Fiat G91 e F84, para além de peças de artilharia.

A partir dessa altura havia um equilíbrio entre as forças portuguesas e as inglesas.

Deu-se então o episódio do petroleiro grego Ioana V, de 12.000 toneladas, carregado de crude para a refinaria de Untali.

Os ingleses tinham decidido paralizar a Rodésia de Ian Smith por falta de combustíveis.

Salazar mais uma vez decidiu *"aborrecer"* os ingleses.

Na Beira estava uma fragata (penso que era o antigo aviso Bartolomeu Dias) e um draga-minas.

Receberam ordens para zarpar e ir ao alto mar *"buscar"* o petroleiro bloqueado pela armada inglesa.

Os dois navios portugueses rumaram até ao local e colocaram-se um de cada lado do petroleiro, de modo que os ingleses se o quezessem impedir de rumar ao porto da Beira teriam de disparar sobre os dois vasos de guerra portugueses.

Receberam ordens de Londres para não abrir fogo, e o petroleiro grego *"furou"* o bloqueio inglês.

Percebendo que Salazar jamais permitiria que os ingleses impuzessem na Rodésia um governo de maioria negra, Harold Wilson ordenou a retirada da *task-force*, assumindo a derrota.

L'ONU et l'UE Gardent le Silence sur les « Choquantes Violations des Droits de l'Homme » en Iran

par Majid Rafizadeh

Traduction du texte original: The UN and EU's Silence on Iran's «Shocking Human Rights Violations»

- La semaine dernière, la Cour suprême iranienne a condamné deux fois à mort le champion de lutte Navid Afkari. Selon la chaîne d'information en langue persane Iran International, cette double peine a été assortie de six ans et demi de prison et de 74 coups de fouet. Ses deux frères Vahid Afkari et Habib Afkari ont également été arrêtés ; ils ont été condamnés respectivement à 54 ans de prison et 74 coups de fouet et a 27 ans de prison et 74 coups de fouet.

- *« Pendant 50 jours à peu près, j›ai enduré les plus horribles tortures physiques et psychologiques ... Ils nouaient un sac en plastique autour de mon cou et me torturaient jusqu'à la suffocation. Ils m'ont aussi versé de l'alcool dans le nez. »* - lettre de Navid Afkari, champion de lutte iranien.

- L'UE ou l'ONU ont-elles condamné la brutalité des mollahs qui règnent en Iran ? Ces deux institutions ont préféré récompenser le régime. Le 14 août, le Conseil de sécurité de l'ONU a ordonné que soit mis fin à partir d'octobre 2020 à un embargo sur les armes vieux de 13 ans. Les mollahs au pouvoir en Iran peuvent désormais acheter ou exporter légalement autant d'armes conventionnelles qu'ils le souhaitent.

- Les mollahs disposent aujourd'hui d'une quantité suffisante d'uranium enrichi pour fabriquer une bombe nucléaire. Environ 1 000 kg d'uranium enrichi à seulement 5% peuvent être purifiés plus encore pour autoriser la création d'une bombe nucléaire.

- L'ONU et l'UE doivent tenir les dirigeants iraniens pour responsables de leurs actes, ou être écartés pour nullité, catégorie à laquelle ils semblent appartenir.

Selon Amnesty International, des enfants âgés de 10 ans sont au nombre des victimes d'une torture que le régime iranien pratique systématiquement. « [L]es victimes étaient fréquemment cagoulées ..frappées à coups de poing, de pied ; battues avec un fouet, des bâtons, des tuyaux en caoutchouc, des couteaux, .suspendues ou bloquées dans des positions douloureuses sur de longues périodes ; privées de nourriture et d'eau potable en quantité suffisante. » (Source image : iStock. L'image est illustrative et ne représente aucune des personnes citées dans l'article.)

Malgré le considérable durcissement des violations des droits de l'homme en Iran, les Nations Unies (ONU) et l'Union européenne (UE) - qui prêchent les droits de l'homme -, ferment les yeux sur les abus du régime

Un rapport d'Amnesty International rendu public le 2 septembre a accusé le système judiciaire, les forces de l'ordre et le ministère des Renseignements iraniens d'être les auteurs de crimes et d'exactions en série.

Concernant les prisonniers, le rapport affirme :

« La police, les services de renseignement et de sécurité et les autorités carcérales sont, avec la complicité des juges et des procureurs, à l›origine de tout un catalogue choquant de violations des droits de l›homme, à commencer par la détention arbitraire, les disparitions organisées, la torture et autres mauvais traitements. »

Le rapport révèle que des enfants à peine âgés de 10 ans sont victimes de torture. Le régime cible aussi systématiquement les personnes qui participent aux manifestations. Fin septembre par exemple, la Cour suprême du régime iranien a prononcé deux condamnations à mort contre le champion de lutte Navid Afkari. Selon la chaîne d'information en langue persane Iran International, ces sentences ont été assorties d'une peine de prison de six ans et demi et de 74 coups de fouet. Vahid Afkari et Habib Afkari, les deux frères de Navid Afkari, ont aussi été arrêtés et condamnés respectivement à 54 ans de prison et 74 coups de fouet et 27 ans de prison et 74 coups de fouet.

Rompant avec le silence de l'UE et de l'ONU, Dana White, présidente de l'Ultimate Fighting Championship (UFC, une organisation américaine d'arts martiaux), et le président américain Donald Trump ont imploré les dirigeants iraniens de ne pas exécuter le champion de lutte Navid Afkari. Le président Trump a tweeté

« J›apprends que l›Iran cherche à exécuter une grande et populaire star de la lutte, Navid Afkarai, 27 ans, dont le seul acte anti-gouvernemental a été de manifester dans les rues. Ils protestaient contre « la détérioration de la situation économique du pays et l'inflation... ».

« ... je m›adresse aux dirigeants iraniens et je souhaite que la vie de ce jeune homme soit épargnée et qu›il ne soit pas exécuté. Merci ! »

La présidente de l'UFC, Dana White, a écrit :

« Je dirais simplement que moi aussi, je demande respectueusement et humblement aux responsables du gouvernement iranien de ne pas exécuter cet homme et d'épargner sa vie. »

En Iran, les nombreuses arrestations sont à la discrétion du pouvoir judiciaire ou du tribunal révolutionnaire islamique. Des chefs d'accusation fondamentalement ambigus - *« propagation de la corruption sur terre » (« moharebeh »),* « déclarer la guerre à Dieu » ou « mettre en danger la sécurité nationale » -, l'absence de procédure régulière et des aveux extorqués par la torture physique ou psychologique sont au cœur du processus qui mène les accusés à la potence.

Selon certains articles de presse, Afkari et ses frères ont été torturés pour les forcer à témoigner les uns contre les autres et pour extraire des *« aveux* » que l'on pourrait ensuite diffuser à la télévision.

«Pendant environ 50 jours, j›ai dû endurer les plus horribles tortures physiques et psychologiques», a écrit Afkari dans une lettre.

« Ils me battaient avec des bâtons et des matraques sur les bras, les jambes, l›abdomen et le dos. Ils nouaient un sac en plastique autour de mon cou et me torturaient jusqu›à la suffocation. Ils m›ont également versé de l›alcool dans le nez. »

Pour terroriser d'éventuels dissidents, le régime a recours, depuis des décennies, à la torture et à la peine de mort. Une personne surprise en possession de cannabis par exemple pourra être torturée physiquement et psychologiquement. Selon Amnesty International :

« Nos enquêtes ont montré que les victimes étaient fréquemment cagoulées ou avaient les yeux bandés ; elles étaient battues à coups de poing, à coups de pied et fouettées; elles étaient battues avec des bâtons, des tuyaux en caoutchouc, des couteaux, des matraques et des câbles ; elles étaient suspendues ou forcées de tenir dans des positions douloureuses pendant de longues périodes ; elles étaient privées de nourriture et d›eau potable : elles étaient placées en isolement cellulaire prolongé, parfois pendant des semaines, voire des mois, et aucun soin médical n›était autorisé pour les

blessures reçues pendant les manifestations ou à la suite de tortures. »

L'UE ou l'ONU ont-elles au moins une fois condamné la brutalité des mollahs ? En fait, le régime a été plutôt récompensé. Le 14 août, le Conseil de sécurité de l'ONU a voté la fin d'un embargo vieux de 13 ans sur les ventes et achats d'armes. Dès octobre 2020, les mollahs seront autorisés à acheter et exporter autant d'armes conventionnelles qu'ils le souhaitent.

L'UE et l'ONU se sont opposés à la dénonciation de l'accord sur le nucléaire iranien (JCPOA) - accord que l'Iran n'a au demeurant jamais signé -, et sont partisans de lever toutes les sanctions économiques contre l'Iran en dépit des violations de ce même accord par l'Iran. Le 4 septembre 2020, par exemple, l'Agence internationale de l'énergie atomique a révélé que l'Iran avait constitué un stock d'uranium enrichi de 2105 kg (4640 livres), soit près de 10 fois la quantité d'uranium enrichi autorisée. Les mollahs au pouvoir ont maintenant suffisamment d'uranium enrichi pour fabriquer une bombe nucléaire. Environ 1 000 kg d'uranium enrichi à seulement 5% peuvent être épurés plus encore pour fabriquer une bombe nucléaire.

En août, le président du Conseil de sécurité, l'ambassadeur indonésien à l'ONU, Dian Triansyah Djani, a rejeté la proposition américaine d'un *snapback,* soit la réinstauration de toutes les sanctions prévues contre l'Iran avant l'accord du JCPOA. Le moment est peut-être venu pour les États-Unis de cesser de cotiser à l'ONU ou, à tout le moins, de « *ne payer qu'en fonction des objectifs que l'on s'assigne ».*

Malgré plusieurs décennies de *« réformes »*, rien ou très peu dans la culture de l'ONU n'a changé, à commencer par son niveau d'efficacité. Les États-Unis financent une part disproportionnée des dépenses de l'Onu mais leurs actions et propositions donnent lieu à des autodafés. La seule consolation à ce jour, est que cette ligue de vertu mondiale n'a pas encore prévu de jucher l'ambassadeur américain sur le bûcher. Une tribune publiée dans le Wall Street Journal en 2017 tente une explication :

« Pourquoi les États-Unis tolèrent-ils cela ? .esquiver des votes embarrassants implique d›accepter des dépenses de plus en plus élevées.

« Les États-Unis devraient rejeter ce régime fiscal international et proposer à la place des contributions volontaires ... Il s›agit d›inciter à la performance ce que le système actuel d›évaluation-taxation ne permet pas ...
.
« Les cinq conseils économiques et sociaux régionaux de l›ONU n›affichent aucun bilan concret et ne méritent pas de financement américain. Si les nations estiment que ces organisations régionales méritent de continuer à exister - une proposition que nul ne peut soutenir - elles sont entièrement libres de les financer. Que l›Amérique se sente obligée de les soutenir est incompréhensible.

« Ensuite, il serait possible de réduire le budget de vastes pans de la bureaucratie onusienne sans qu'il en résulte aucun dommage. On pourrait commencer par le Bureau des affaires de désarmement. Et poursuivre par le Programme des Nations Unies pour le développement. Des économies significatives pourraient être réalisées en réduisant les financements d›autres bureaux des Nations Unies qui sont surtout des sinécures, dont beaucoup d›ailleurs traitent de questions « palestiniennes ». L›UNWRA (Office de secours et de travaux des Nations Unies pour les réfugiés de Palestine) pourrait aisément être fusionné avec le Haut-Commissariat des Nations Unies pour les réfugiés.

L'ONU et l'UE doivent tenir les dirigeants iraniens pour responsables, ou bien être écartés pour nullité, catégorie à laquelle ils semblent bel et bien appartenir.

Le Dr Majid Rafizadeh, stratège et consultant en affaires, est diplômé de Harvard, politologue, membre du conseil d'administration de la Harvard International Review et président du Conseil international américain sur le Moyen-Orient. Il est l'auteur de plusieurs livres sur l'islam et la politique étrangère américaine.

On peut le contacter à Dr.Rafizadeh@Post.Harvard.Edu

La crise d'Octobre de 70

En octobre 1970, l'épicentre de la crise se trouve à Montréal, mais l'onde de choc n'épargne pas la région de Québec. Dans les heures qui suivent l'imposition de la Loi sur les mesures de guerre et l'assassinat du ministre Pierre Laporte, une chape de plomb s'abat sur la capitale. Des dizaines de personnes sont arrêtées.

La crise d'Octobre vue de Québec
Jean-Simon Gagné / ***Le Soleil***

En octobre 1970, l'épicentre de la crise se trouve à Montréal, mais l'onde de choc n'épargne pas la région de Québec. Dans les heures qui suivent l'imposition de la Loi sur les mesures de guerre et l'assassinat du ministre Pierre Laporte, une chape de plomb s'abat sur la capitale. Des dizaines de personnes sont arrêtées. L'armée patrouille les rues du centre-ville.

Le gouvernement se réfugie à Montréal. Les rumeurs les plus folles se mettent à courir. Cinquante ans plus tard, Le Soleil vous amène au cœur de l'une des saisons les plus noires de Québec.

Le mois d'octobre 1970 commence sur une note insolite. À Saint-Romuald, deux policiers aperçoivent un OVNI. L'objet très lumineux avait la forme d'un cigare et il se déplaçait en émettant un sifflement, semble-t-il. À Ottawa, un député propose une loi pour «réglementer» les machines à fabriquer... la pluie. En Écosse, le 1er octobre, des scientifiques croient avoir repéré le monstre du Loch Ness, grâce à un puissant sonar. Believe it or not, le monstre ne serait pas un solitaire! Il vivrait en couple!

Ne souriez pas. Depuis des semaines, le Québec se prépare à un affrontement majeur. *«C'est la crise»,* proclame un éditorial du Soleil, le 2 octobre. Mais il ne s'agit pas des menaces du Front de libération du Québec (FLQ). Pas du tout. On redoute une grève des médecins spécialistes, farouchement opposés au régime d'assurance-maladie qui entre en vigueur le 1er novembre. Le gouvernement leur offre 275 millions $ supplémentaires [1,8 milliard $ en argent de 2020]. Mais ça ne suffit pas.1

La Vieille Capitale semble assoupie. On parle beaucoup de fusions municipales. Les villes de Duberger et Les Saules viennent de se joindre à Québec. *«La région métropolitaine ne formera qu'une seule ville dans 10 ou 15 ans», prédit le maire Gilles Lamontagne.* Le Colisée a été le théâtre d'un match hors-concours entre les Flyers de Philadelphie et les Bruins de Boston. Bobby Orr, la grande vedette des Bruins, n'était pas du voyage… ce qui n'a pas empêché le prix des billets d'atteindre 6,50 $ [43,50 $ en argent de 2020]. Un scandale.2

Tout compte fait, il vaut mieux applaudir le joueur prodige des Remparts, un certain Guy Lafleur, qui vient de marquer quatre buts dans une victoire de 10

à 6 sur le National de Rosemont...

«Pas besoin de bodyguard»

Après un été mouvementé, le FLQ se fait discret. Au début de juin, la police a déjoué un projet d'enlèvement du consul des États-Unis à Montréal, Harrison W. Burgess. Le 24 juin, une bombe a explosé au ministère de la Défense, à Ottawa, tuant une employée. À Québec, le 15 juillet, un puissant engin explosif a été désamorcé à l'Hôtel Victoria, sur la côte du Palais, l'endroit où loge le premier ministre Robert Bourassa, lorsqu'il séjourne dans la capitale.3

Dans ce contexte, l'enlèvement à Montréal de l'attaché commercial britannique James Richard Cross, le 5 octobre, soulève de l'inquiétude. Pas trop, quand même. À Montréal, la police contrôle les voitures qui franchissent les ponts. Mais à Québec, peu de gens croient que le FLQ mettra ses menaces à exécution. Le premier ministre Robert Bourassa trouve même le moyen de plaisanter, lorsqu'une meute de journalistes l'entourent. *«Vous voyez bien que je n'ai pas besoin de bodyguard!»*4

Le premier ministre de l'époque, Robert Bourassa
PHOTOTHÈQUE LE SOLEIL

La crise? Quelle crise? Le 7 octobre, Robert Bourassa s'envole pour New York, afin de trouver les 2 milliards $ nécessaires au financement son mégaprojet hydroélectrique de la Baie James.(5) *«L'affaire Cross ne semble pas affecter le niveau de confiance,»* assure-t-il.6 En fait, les commentaires les plus alarmistes viennent du ministre du Travail, Pierre Laporte, le numéro 2 du gouvernement. *«Un vent de folie semble souffler sur le Québec,»* déclare Laporte, que le FLQ rebaptise *«le ministre du chômage et de l'assimilation».7* Place à la fête. À Québec, depuis des jours, les journaux regorgent de publicités annonçant que la ville va devenir «La capitale de la joie», avec la présentation du premier Festival de la bière, dans une dizaine de bars et de restaurants. Le visiteur peut déguster une bière tout en mesurant son degré de résistance à la plus redoutable créature de l'époque : l'orchestre bavarois.

La terreur de l'anti-terreur

Le 10 octobre, l'enlèvement du ministre Pierre Laporte fait monter la tension d'un cran.8 La panique s'empare de certains élus. À Québec, les plus excités veulent relocaliser le gouvernement sur la base militaire de Valcartier. À peine revenu de New York, Robert Bourassa s'y oppose. Il ne veut pas apeurer davantage la population. Finalement, le gouvernement se réfugie à l'Hôtel Reine-Elizabeth de Montréal. Les principaux ministres se réunissent au 20e étage, transformé en forteresse.

Dans la capitale qui n'est plus tout à fait une capitale, la situation semble un tantinet confuse. Ici, le FLQ menace les médecins spécialistes, qui sont en grève depuis le 8 octobre. Un cocktail Molotov est même lancé contre la maison d'un médecin de Sainte-Foy. Dans un communiqué retrouvé près de la bibliothèque de l'Université Laval, le FLQ déplore *«l'attitude criminelle des médecins spécialistes et la lâcheté du gouvernement […] qui [mettent] en danger la santé de millions de Québécois».* Il donne 48 heures pour «régulariser» la situation. Sinon, il kidnappera un médecin…9

Au même moment, Québec est agitée par une épidémie d'appels à la bombe. Le Parlement, Radio-Canada, l'édifice Delta et le Capitole sont visés. On ne parle même pas de la multiplication des messages délirants. Dans la nuit du 12 octobre, sur l'avenue Cartier et la 1re avenue, on retrouve des communiqués provenant de deux mystérieuses organisations antiré volutionnaires. Le Groupe anti-révolution québécois (GARQ) et le Comité antiterroriste (CAT) menacent de s'en prendre au FLQ si James Cross et Pierre Laporte ne sont pas libérés.10

Vu la quantité impressionnante de fautes d'orthographe, la police ne prend pas les groupes «antiterroristes très au sérieux. Le Groupe anti-révolution québécois a même dû publier un second communiqué pour corriger une erreur dans un nom! Apparemment, les fautes d'orthographe sèment la terreur parmi les antiterroristes…

Les fesses de Danielle Ouimet

Au bout d'une semaine de crise, la Sûreté du Québec veut frapper un grand coup. Dans la région de la capitale, les 10 et 11 octobre, ses agents fouillent au moins 38 logements de présumés militants du FLQ. Le pont de Québec est bloqué pour des contrôles d'identité. Tous les jeunes portant la barbe ou les cheveux longs deviennent suspects. Le dimanche soir, on annonce triomphalement l'arrestation de six adolescents qui transportaient du matériel *«subversif»,* c'est-à-dire des dépliants communistes. Mao n'a qu'à bien se tenir…

De l'avis général, l'adoption de la loi martiale n'est plus qu'une question de temps. Les autorités auraient déjà commencé à dresser la liste des personnes qui seront arrêtées.11 À Ottawa, plus de soldats gardent les édifices publics. À Québec, on voit des militaires autour du Parlement et près de l'aéroport. Tous les soirs, à la télévision, le ministre fédéral Jean Marchand presse le bouton panique. Il assure que le FLQ compte 3000 combattants armés jusqu'aux dents.

Les élus du Parti créditiste se déchaînent. À Ottawa, Réal Caouette veut fusiller les felquistes. À Québec, Camille Samson attribue la crise aux *«mesures socialistes»* de la Révolution tranquille. La palme de la bizarrerie revient toutefois au député René Matte, qui établit un lien entre la libéralisation des mœurs et le FLQ. Monsieur estime que grâce à l'argent du gouvernement fédéral, le cinéma québécois est passé *«de La petite Aurore l'enfant martyre aux fesses de l'actrice Danielle Ouimet» [NDLR : dans Valérie, l'un des premiers films érotiques québécois].»*

Les rumeurs les plus folles circulent. Le journal The Gazette évoque un «rapport secret» de la GRC qui évalue les effectifs du FLQ à 130 membres aguerris et 2000 sympathisants.12 Il est aussi question d'un gouvernement parallèle et d'un camp d'entraînement dans le Nord québécois, où un avion cubain aurait multiplié les atterrissages. Finalement, un député conservateur prétend détenir une preuve *«irréfutable»* que la Sûreté du Québec est infiltrée par le FLQ. Cinquante ans plus tard, on l'attend encore...

Jongler avec la vie des autres

Fidèle à son habitude, le premier ministre Robert Bourassa veut gagner du temps. Il veut régler une crise à la fois. En commençant par les médecins. Le 14 octobre, le gouvernement revient d'urgence dans la capitale pour adopter une loi forçant leur retour au travail des 3000 spécialistes. L'Assemblée nationale se réunit au milieu d'un imposant dispositif policier.

aujourd'hui
SUPPLÉMENT ILLUSTRÉ
Opération nettoyage: déjà 238 arrestations
LE SOLEIL
INNO 70
dans 13 jours
Felquistes et partisans hors-la-loi
Théoriquement, Ottawa détient tous les pouvoirs
Nos reporters et photographes ont capté les heures historiques que vit présentement le Québec. Leurs témoignages sont publiés en pages 10-13-14-15-18-19.
UNE SCENE QUE L'ON REVERRA
Sévères sanctions contre les récalcitrants
La FMSQ demande à ses membres de se soumettre à la Loi 41
sommaire
la météo

La une du Soleil du 16 octobre 1970.
ARCHIVES LE SOLEIL/ BAN!

La grève est très impopulaire. Le président de la Fédération des médecins spécialistes, Raymond Robillard, a reçu de nombreuses menaces. Il s'est réfugié dans un endroit tenu secret, en dehors de la ville. *«Pendant que le FLQ jongle avec la vie de deux personnes, les médecins spécialistes jonglent avec la vie de six millions de personnes»,* a dit un délégué de la CSN, lors d'un congrès.13

Pour en finir, l'Assemblée nationale adopte le 15 octobre une loi spéciale. Des sanctions draconiennes sont prévues pour les médecins qui refusent de retourner au travail. Chaque jour de grève illégal est passible d'une amende de 200 à 500 $ [1336 à 3344 $ en argent de 2020], assortie d'un mois de prison...14

Les représentants des médecins sont furieux. Le Collège des médecins soutient que 1300 spécialistes ont déjà pris des mesures pour quitter le Québec...15 Mais ceux qui trouvent que le gouvernement va trop loin n'ont encore rien vu…

Un mauvais roman policier

Le 16 octobre, au petit matin, le gouvernement du Canada proclame la Loi sur les mesures de guerre. Le FLQ devient une association illégale. Ceux qui lui sont associés s'exposent à 5000 $ d'amende et à cinq ans de prison.

Plusieurs droits fondamentaux sont suspendus. À Québec, en l'espace de quelques heures, 63 personnes sont arrêtées. Plus de 75 perquisitions sont effectuées. Les gens emprisonnés sont coupés du monde pour une durée pouvant aller jusqu'à 90 jours. Pas question de recevoir la visite d'un avocat ou de se servir du téléphone. Même la liste des détenus est secrète.16

Le centre-ville devient le théâtre de scènes dignes d'un mauvais roman policier. Le Soleil décrit une perquisition effectuée à la librairie Livres et périodiques progressistes, sur la rue du Pont, vers 4h du matin. Les policiers défoncent la vitre de la porte à coup de pied. L'arme au poing, huit agents s'engouffrent dans le minuscule commerce. À l'intérieur, ils tombent sur un jeune homme endormi. Le suspect a juste le temps d'enfiler un imperméable avant d'être menotté et expédié en prison. Les affiches à la gloire de Che Guevara et de Mao sont vite balancées dans des boîtes. Les livres aussi. Le *«raid»* dure moins de 30 minutes. Montre en main.17

Souvent, les policiers font preuve d'un zèle excessif. Les défenseurs des droits de l'homme ne sont pas les seuls à le répéter. Le directeur général de la Sûreté du Québec, Maurice St-Pierre, finit par le reconnaître. Et Monsieur n'a rien d'un dangereux trotskyste, c'est le moins que l'on puisse dire! Le 26 octobre, il recommande à ses troupes de *«vérifier avec soins les renseignements avant de procéder à des perquisitions».* Il admet que plusieurs *«descentes»* ont été effectuées *«sans motif valable»*.

À Québec, les policiers ont tendance à saisir tout ce qui leur tombe sous la main, y compris des numéros d'une revue bénigne comme Le Nouvel Observateur. Quand un suspect ne se trouve à la maison, on arrête parfois son épouse ou l'un de ses enfants.18 Vrai que dans la lutte contre le FLQ, il n'y a pas de petite victoire. À preuve, la ville d'Ottawa change le nom de la rue *«Chénier»*, qui rappelle trop le nom de la cellule du FLQ accusée de l'enlèvement de Pierre Laporte. Elle s'appellera désormais la rue des Iroquois.

Noir, c'est noir

Dans la soirée du 17 octobre, la découverte du cadavre de Pierre Laporte dans le coffre d'une automobile, sur la Rive-Sud de Montréal, résonne comme un coup de tonnerre. Jusque là, beaucoup de gens ne croyaient pas que le FLQ irait jusqu'à tuer. Le 8 octobre, la lecture de son manifeste, sur les ondes

INNO 70
dans 9 jours
LE SOLEIL
Aux funérailles de Pierre Laporte
Un dispositif de sécurité sans précédent
L'aîné du gouvernement
Aucune réponse des ravisseurs de Cross
Politiques économiques jugées avec sévérité
Les résultats de l'autopsie connus demain
Meurtre étrange de cinq personnes
Voir autres informations en page 25
à lire
la météo
sommaire

La une du Soleil du 20 octobre 1970.
ARCHIVES LE SOLEIL / BANQ

de Radio-Canada, avait même rencontré un écho favorable. Tout le monde pouvait se reconnaître dans un texte qui interpellait le pouvoir dans n langage populaire.19 Le syndicaliste Michel Chartrand pouvait même s'exclamer : *«il n'y a pas de quoi brailler parce qu'un ministre du Travail est en pénitence*. La mort de Pierre Laporte change tout. Au début, à cause des blessures que le ministre s'est infligées en essayant de s'enfuir, on pense qu'il a été torturé! À Québec, dès l'aube, des centaines de citoyens bouleversés accourent devant l'Assemblée nationale, pour se recueillir. Plusieurs ont écouté les nouvelles à la radio, toute la nuit. *«À la radio, ce ne fut vraiment pas une nuit comme les autres, écrit Le Soleil. Les [stations] qui, au petit matin du dimanche entretenaient habituellement leur auditoire avec de la pop music ou de la country music diffusèrent du Mozart à plein tube.»*21

La condamnation la plus impitoyable vient du chef du Parti québécois, René Lévesque. Avant, il n'approuvait pas les enlèvements, mais il trouvait que les p'tits gars du FLQ *«avaient du nerf»*.22 Désormais, il les condamne sans appel. Il leur souhaite *«de vivre assez longtemps pour voir qu'ils ne représentent rien ni personne de valable, que leur geste est non seulement criminel, mais insensé.»* Il poursuit sa charge le lendemain, dans sa chronique du Journal de Montréal.23

Le choc causé par la mort de Pierre Laporte est immense. Tout le monde en parle. Les commerces se disputent l'espace publicitaire des journaux pour rendre hommage au ministre. Même le président des États-Unis, Richard Nixon, commente le triste sort du Québécois. Il voit dans la crise du Québec une justification supplémentaire de son programme basé sur la loi et l'ordre. *«C'est l'irrespect de la loi qui a causé la mort de M. Pierre Laporte» assure-t-il.*

La peur aidant, des citoyens se mettent à voir un peu partout le felquiste le plus recherché, Paul Rose. À plusieurs reprises, on signale sa présence sur le campus de l'Université Laval! Le 20 octobre, on croit l'avoir entrevu à Buffalo. Le 26, on estime qu'il se trouve peut-être au Michigan. Entre-temps, dans la soirée du 19 octobre, la police de Québec annonce son arrestation! Ce n'est qu'après avoir vérifié les empreintes digitales du suspect qu'on se rend à l'évidence. Il s'agit de quelqu'un d'autre!

L'alouette en colère

L'ordre règne sur Québec. Au centre-ville, des soldats montent la garde devant le Parlement, le quartier général de la SQ et le Palais de Justice. Selon la police, la surveillance est telle que le nombre de crimes se met à diminuer! Mais tout le monde ne partage pas cet enthousiaste. Plus tard, le chanteur Félix Leclerc expliquera qu'il est devenu indépendantiste le jour où il a vu l'armée canadienne fouiller des voitures dans la côte de l'île d'Orléans. «J'ai eu honte de voir que pour régler nos problèmes, il fallait appeler une armée de l'extérieur. Le même jour, j'ai écrit L'Alouette en colère,» résume-t-il.24

Il n'empêche. Après quelques jours, même les élus terrorisés reprennent du mordant. La chasse aux coupables est ouverte. Le Whip du Parti libéral du Québec, Louis Philippe Lacroix, accuse les journalistes d'être responsables de la mort de Pierre Laporte. Pour lui, les scribes ne sont que des «ratés». Non seulement ils entravent le travail des policiers, mais en plus ils collaborent avec les agitateurs. Son collègue, le député Gilbert Théberge, interpelle les journalistes. «Vous en avez eu un [Pierre Laporte], vous devez être contents?

À Radio-Canada, des indépendantistes comme la chanteuse Pauline Julien sont interdits d'antenne, même dans les jeux-questionnaires. Selon l'hebdomadaire Québec-Presse, la direction a reporté un épisode du populaire téléroman Quelle Famille! de Janette Bertrand, parce qu'il traitait d'une manifestation contre... la pollution. Les mots *«manifestation»* ou *«contestation»* ne doivent plus être prononcés en ondes.

La radio de Radio-Canada devient si frileuse qu'elle bannit la diffusion de la chanson Mon Pays, de Gilles Vigneault et aussi — tenez-vous bien!— de L'important c'est la rose, de Gilbert Bécaud. On craint que cela soit interprété comme un appui aux frères Jacques et Paul Rose, du FLQ!25

L'ordre règne sur Québec. Au centre-ville, des soldats montent la garde devant le Parlement, le quartier général de la SQ et le Palais de Justice.

La crise se poursuit encore durant de longs mois. Le diplomate James Richard Cross n'est libéré que le 3 décembre, après 60 jours de détention. Il faut attendre le 28 décembre pour que les ravisseurs de Pierre Laporte soient arrêtés.26 Entre-temps, le premier ministre du Canada, Pierre Trudeau, a décrit la Loi des mesures de guerre comme un peu *«totalitaire».* Le 28 octobre, il admet que parmi les gens incarcérés, il se trouve plusieurs personnes «*innocentes et très respectables»*.27

L'ordre règne sur Québec. Au centre-ville, des soldats montent la garde devant le Parlement, le quartier général de la SQ et le Palais de Justice.
ARCHIVES LE SOLEIL

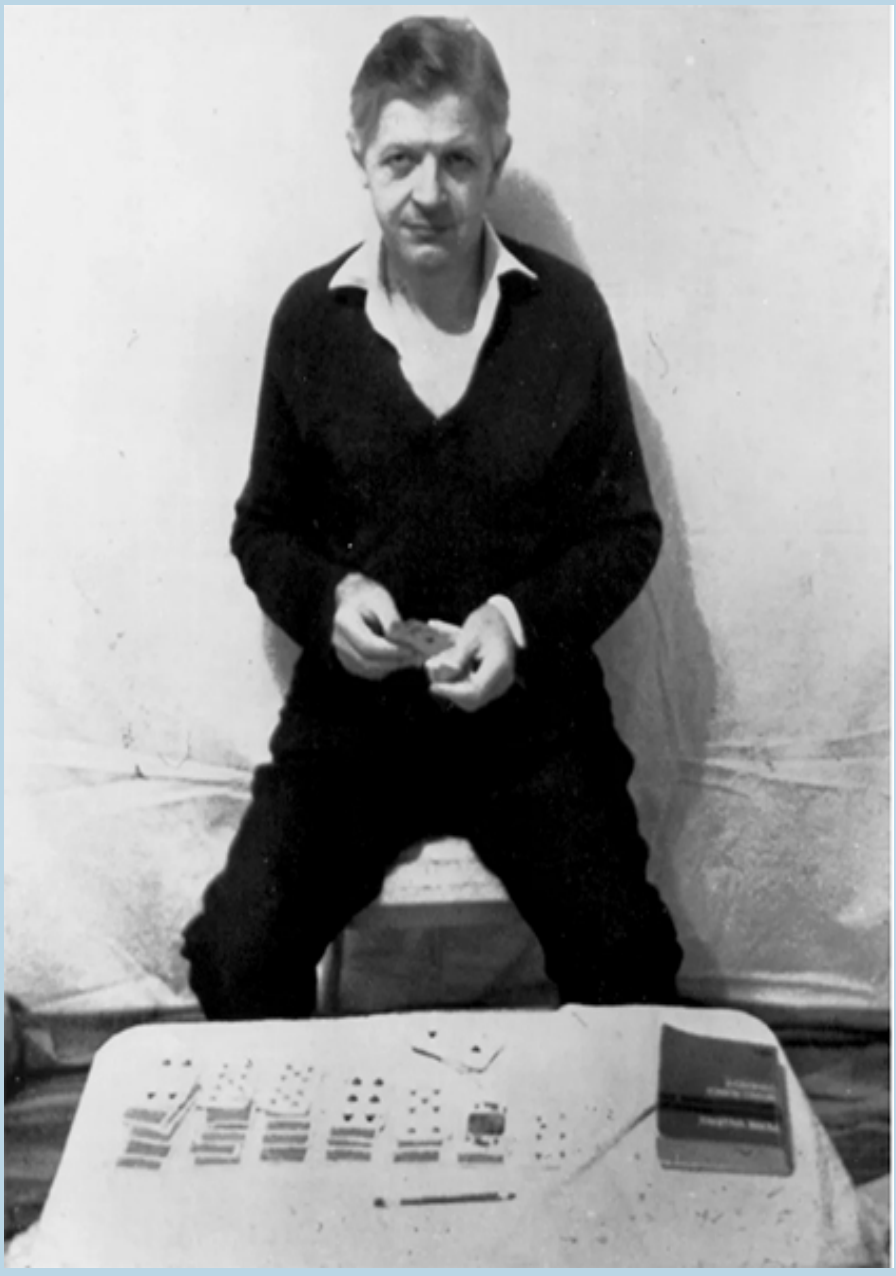
EPILOGUE. LA VIE CONTINUE

Á Montréal, on enregistre une baisse de 40 % de l'achalandage dans les commerces du centre-ville. Mais à Québec, la tension retombe assez vite, même si une quinzaine de personnes restent emprisonnées à la fin du mois. Dès le 21 octobre, le tout nouveau pont Frontenac est rebaptisé pont Pierre-Laporte. On songe aussi brièvement à renommer le futur Grand Théâtre en l'honneur du défunt ministre.

Bientôt, l'actualité reprend d'éternels recommencements. Québec et Ottawa se chicanent pour savoir qui va payer «l'occupation militaire», qui coûte 500 000 $ par jour.28 Le gouvernement du Québec annonce l'instauration «d'une véritable politique en faveur des personnes âgées». Il veut aussi mettre l'ordre dans les commissions scolaires, jugées inefficaces. Le hockey n'est pas oublié. De passage en ville, le président du Canadien de Montréal, David Molson, prédit que la villede Québec héritera d'un club lors de la prochaine expansion de la Ligue nationale…29

La vie continue, même si la crise n'est jamais très loin. Comme un mauvais rêve. À l'automne 1970, le géographe Henri Dorion enseigne à l'Université Laval, en plus de présider la Commission d'étude sur l'intégrité du territoire québécois. Après avoir reçu plusieurs visites d'agents de la GRC, M. Dorion se demande si sa ligne téléphonique a été placée sous écoute. À force d'insister, il parvient à parler avec un haut fonctionnaire bien au fait de ce genre de «détails». Même s'il ne peut pas lui répondre, l'homme lui donne un conseil. Un seul.— Surtout, ne parlez jamais de votre travail au téléphone.30«Il y avait un grand décalage entre Québec et Montréal, se souvient le professeur émérite Florian Sauvageau, qui enseignait alors à l'Université Laval. Ça me frappait à chaque fois que j'allais à Montréal.

La présence militaire y était beaucoup plus imposante.» Malgré tout, le professeur Sauvageau ne risquait pas d'oublier que le campus universitaire se trouvait sous haute surveillance. «*Il y avait un policier de la GRC qui était inscrit à l'un de mes cours,* explique-t-il. Je le sis, j'en suis sûr, parce qu'il était venu me le dire!31



Le diplomate James Richard Cross n'est libéré que le 3 décembre, après 60 jours de détention

.

ARCHIVES LA PRESSE CANADIENNE

La crise en neuf dates

5 octobre : James Richard Cross, l'attaché commercial de la Grande-Bretagne, est enlevé par la cellule *«Libération»* du FLQ. L'organisation exige notamment la libération de 23 prisonniers politiques.

8 octobre : Le Manifeste du FLQ est lu à la télé de Radio-Canada. Il s'agissait de l'une des sept conditions posées par le FLQ pour libérer le diplomate Cross.

10 octobre : En fin d'après-midi, le gouvernement du Québec annonce qu'il ne se rendra pas aux exigences du FLQ. Quelques heures plus tard, la cellule «*Chénier»* du FLQ enlève Pierre Laporte, le ministre québécois du Travail et de l'Immigration.

11 octobre : Le FLQ transmet une lettre déchirante de Pierre Laporte au premier ministre du Québec, Robert Bourassa. «*Cher Robert, j'ai la conviction d'écrire la lettre la plus importante de toute ma vie…»* commence le ministre.

15 octobre : Le gouvernement du Québec demande l'aide de l'armée. Des milliers de soldats sont déployés autour des principaux édifices. À Montréal, lors d'une assemblée politique, plus de 3000 personnes scandent FLQ!

16 octobre : À la demande de la Ville de Montréal et du gouvernement du Québec, le gouvernement fédéral promulgue de la Loi sur les mesures de guerre. Plus de 500 personnes sont arrêtées. Plus de 31 700 perquisitions sont effectuées.

17 octobre : Le corps de Pierre Laporte est retrouvé dans le coffre d'une voiture à proximité de l'aéroport militaire de Saint Hubert.

3 décembre : Les membres de la cellule «Libération» et leur famille obtiennent un sauf-conduit vers Cuba. James Cross est libre après deux mois de détention.

28 décembre : Arrestation de Paul Rose, Jacques Rose, Francis Simard et Bernard Lortie, les quatre felquistes qui ont enlevé Pierre Laporte.

NOTES

(1) La situation dans les hôpitaux : Castonguay offrirait 275 millions $, L'Action, 6 octobre 1970.
(2) On se moque des amateurs de hockey, Le Soleil, 26 septembre 2020.
(3) Louis Fournier, F.L.Q. Histoire d'un mouvement clandestin, Québec/Amérique, 1982.
(4) L'assurance-maladie et l'enlèvement de Cross hantent le Parlement de Québec, Le Soleil, 6 octobre 1970.
(5) Octobre 70 : Fallait annuler le voyage pour New York ? historiquement logique.com, 25 mars 2018.
(6) Bourassa aux New Yorkais : le Québec peut jouer un rôle majeur dans la solution de vos problèmes d'énergie, Le Soleil, 9 octobre 1970.
(7) L'assurance-maladie et l'enlèvement de Cross hantent le Parlement de Québec, Le Soleil, 6 octobre 1970.
(8) Le FLQ s'est emparé du plus gros morceau», après Robert Bourassa, Le Soleil, 13 octobre 1970.
(9) Mesures d'urgence : les réunions du Cabinet se succèdent, Le Soleil, 13 octobre 1970.
(10) Les antiterroristes ripostent, Le Soleil, 13 octobre 1970.
(11) Les militaires n'attendent plus que l'ordre de quitter les lieux, Le Soleil, 13 octobre 1970.
(12) Louis Fournier, F.L.Q. Histoire d'un mouvement clandestin, Québec/Amérique, 1982.
(13) Les spécialistes sont comparés aux membres du FLQ par le conseil régional CSN Lac-Saint-Jean, Le Soleil, 13 octobre 970.
(14) Sévères sanctions contre les récalcitrants : La FMSQ demande à ses membres de se soumettre à la loi 41,
Le Soleil, 16 octobre, 1970.
(15) Le Québec semble disposé à laisser partir les spécialistes, L'Action, 16 octobre 1970.
(16) Jacques Lacourcière, Histoire du Québec populaire, Septentrion, 1996.
(17) Une atmosphère de roman policier entourent des événements qui font maintenant partie de la réalité, Le Soleil, 16 octobre 1970.
(18) La situation créée par les «mesures de guerres» serait empirée par les agissements des policiers, Le Soleil, 17 octobre 1970.
(19) FLQ : Manifeste, Octobre 1970, Les publications du Quartier libre, 1994.
(20) La révolution au Québec est peut-être en voie d'exécution — M. Jean Drapeau, Le Soleil, 13 octobre 1970.
(21) Le Soleil, 19 octobre 1970.
(22) René Lévesque, Attendez que je me rappelle, Québec/Amérique, 1986, p. 324
(23) René Lévesque, Chroniques, Québec Amérique, 1987.
(24) Jacques Bertin, Félix Leclerc, Le roi heureux, Boréal Compact, 1988.
(25) Selon Gérard Pelletier, Ottawa n'a pas donné d'instructions à Radio-Canada, Le Soleil, 3 novembre 1970.
(26) Paul Rose, Jacques Rose, Francis Simard et Bernard Lortie
(27) 400 personnes ont été appréhendées, mais aucune accusation n'a encore été portée, Le Soleil, 29 octobre 1970.
(28) Le prix de l'occupation : «le fédéral a déjà su ignorer le *«strict légalisme»* — Bourassa, Le Soleil, 30 octobre 1970.
(29) Le hockey majeur à Québec lors d'une prochaine expansion — David Molson, Le Soleil, 20 octobre 1970
(30) Entrevue avec M. Henri Dorion, le 6 octobre 2020.
(31) Entrevue avec M. Florian Sauvageau, le 7 octobre 2020.

Ajudemos os COMANDOS do Curso 127 que foram constituídos arguidos

NIB-0035-0000-45536014942-05

As despesas são enormes

Contamos com o apoio de todos vós

A Associação de Comandos agradece-vos.

MAMA SUME

O Presidente da AC

José Lobo de Amaral

Como é que se sai disto?

Por Helena Matos/Obs.

Seis anos depois da prisão de Jośe Sócrates, o PS manda sem moderação, sem oposição e com um PR destituído de noção. Em 2020, Portugal é um país à disposição dos socialistas.

Procuradoria Geral da República. Tribunal de Contas. Banco de Portugal… Em todas estas instituições o PS assegurou o controlo. De forma brutal às vezes. E todos os dias, em cargos superiores e intermédios da administração pública esse assalto prossegue.

Tudo isto lembra os anos Sócrates. Mas a situação é, em 2020, politicamente muito mais grave do que foi com Sócrates. Porque agora não há escrutínio. Desta vez não vai desembarcar nenhuma troika em Lisboa a querer vasculhar contabilidades criativas; não existem investigações criminais a ameaçar a figura do primeiro-ministro e, ainda mais importante, não existe alternativa política. Ao contrário do que acontecia em 2011, a oposição à direita não tem agora líder nem apoios; o BE e o PCP a quem foi entregue o monopólio do protesto estão desde 2016 mudos e quedos à espera da sua parte no assalto ao aparelho de estado e a UE não só agora não nos pede contas como, pelo contrário, vai pagar-nos algumas nos próximos anos.

A isto junta-se que, em 2020, em Belém, está Marcelo que vive em função da popularidade e não Cavaco Silva, que vivia em função do que achava que devia fazer.

Um dos momentos-símbolo deste país ao dispor do PS aconteceu esta semana quando Marcelo Rebelo de Sousa ao dar posse ao novo presidente do Tribunal de Contas (TdC) começou a invocar a Constituição para justificar a não recondução do anterior presidente daquele tribunal. Dão-se alvíssaras a quem encontrar na Constituição o artigo invocado por Marcelo Rebelo de Sousa para justificar a não recondução de Vítor Caldeira!

A actualidade tornou-se uma sucessão de absurdos que só se entendem à luz do assalto dos partidos ao aparelho de estado: num dia descobrimos que o país pode ganhar mais seiscentas freguesias (mesmo que não seja imediatamente por causa das autárquicas, lá teremos esse *"enorme aprofundamento da cidadania"* na discussão do próximo orçamento); no outro somos informados que António Costa e Rui Rio decidiram que os presidentes das Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) previamente escolhidos por eles são eleitos pelos seus pares. Não, não é uma anedota é mesmo assim: primeiro Costa e Rio escolhem os futuros presidentes e depois têm lugar as eleições para eleger os presidentes já escolhidos! *Felizmente que a pátria anda entretida a contar anedotas sobre o Trump e portanto não tem tempo para perceber que a anedota é ela, a pátria.* Já o PCP escolheu muito adequadamente para formalizar a última reivindicação dos comunistas aos seus parceiros socialistas — mais 100 mil funcionários públicos — um jovem deputado cujo curriculum profissional é uma variante do clássico "*passageiro do paquete Niassa"* pois o deputado em questão além da vida partidária apenas se destaca por ter integrado o Comité Organizador Internacional do 19.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes (Rússia, 2017) seja isso o que for. Para que não nos falte nada neste regresso ao pior do passado até temos uma *"candidatura ibérica"* ao Mundial de Futebol de 2030 que o secretário de Estado do Desporto declarou como *"uma coisa absolutamente extraordinária e importante"* A criação de mais camadas na administração pública a par de legislação mais intrusiva para as empresas e famílias são à direita e à esquerda as respostas do PS às exigências dos seus parceiros e à voracidade da sua máquina partidária.

Como é que se sai disto? **Em primeiro lugar,** para se sair disto era necessário que os protagonistas quisessem sair e nenhum deles quer: o PS não quer deixar o governo; Rui Rio não quer ser governo; o BE e o PCP não podem nem querem deixar de apoiar o PS.

Em segundo, convém não esquecer que nos anos de Sócrates se falava de asfixia democrática para dar conta do controlo que então o PS estendia a toda a sociedade. Em 2020, o processo de controlo não é menos intenso mas é mais eficaz: vivemos uma espécie de intoxicação, não se resiste, vamo-nos deixando adormecer.

Em terceiro não sabendo eu como é que se sai disto sei exactamente o que vai acontecer após tal facto: tudo voltará a ser inconstitucional como o professor Marcelo explicará.

E em quarto, embora não seja propriamente uma saída, antes um atalho, que tal encarar a candidatura à autarquia de Lisboa como o primeiro de vários momentos de desmontagem do poder socialista?

Não há combate ao populismo sem instituições

Por Sebastião Bugalho/Obs

Em meia década, o PS liderado por Costa procedeu a um assalto institucional que não se pode exatamente classificar como sem precedentes – Sócrates, afinal, era primeiro--ministro há menos de dez anos.

Se o combate ao populismo fosse água, os portugueses estavam encharcados. Da esquerda para a direita, no poder ou longe dele, a praça política inunda-se em grandes proclamações contra «os populistas», «os *extremismos»* e a importação de *«radicalismos»*. Independentemente da piscina que cada um favoreça, acabamos por mergulhar, todos juntinhos, na mesma *«luta pela democracia»*. Se a democracia se fizesse de matéria verbal, garanto-vos, a nossa estaria sã e salva. Mas não faz, pois não, caro leitor? Faz-se de instituições. Depende delas. E as nossas, como uma praia em maré vazia, fedem.

Em meia década, o Partido Socialista liderado por António Costa procedeu a um assalto institucional que não se pode exactamente classificar como sem precedentes – pois Sócrates, afinal, era primeiro-ministro há menos de dez anos –, mas cuja eficácia e inimputabilidade passaram com relativa discrição. Sejamos sérios: se o governo de Viktor Orbán, na Hungria, indicasse uma ex-deputada e ex-autarca do seu partido para o Conselho Geral Independente (risos) da televisão pública, nomeasse o seu ministro das Finanças para governador do banco nacional (avaliando-se a si mesmo), candidatasse o ex-porta-voz do seu antecessor ao Tribunal Constitucional do país e afastasse o presidente do Tribunal de Contas em vésperas de chegada de dinheiro europeu, o que não diríamos nós?

Diríamos, caro leitor, que se tratava de um sequestro do Estado de Direito, de uma interferência do governo húngaro na separação de poderes e de uma inclinação autocrata do senhor Órban. E diríamos bem. Mas, como não se trata de Órban, nem da Hungria, nem de um político de direita, sorrimos, acenamos e mergulhamos alegremente na piscina do costume.

Em Portugal, aparentemente, estamos todos contra o populismo, mas também contra a independência daquilo que um populista mais teme: instituições fortes.

O modo descarado como o PS tem preparado terreno para a chegada dos fundos de resposta à pandemia é, numa palavra, escandaloso. Das indicações para as CCDR's à simplificação do código de contratação pública, o governo de António Costa não só abriu a porta à corrupção como instalou um gigantesco néon na esquina, sugerindo: "*Venham, meus amigos, e* roubem!". *A tomada das várias instituições qu*e escrutinarão a aplicação desses fundos abrilhanta – e muito – o convite.

Num país em que a memória é curta e a acção inexistente, denunciá-lo talvez seja uma tarefa tanto inglória quanto inconsequente. Mas eu não me esqueço das golas inflamáveis adjudicadas à família de uma autarca socialista durante os incêndios nem do secretário de Estado que indicou a empresa de um ex-sócio para fornecer testes à covid. E é por isso que me pergunto: se estes senhores roubaram quando não havia dinheiro, o que é que não vão roubar quando o dinheiro chegar? As mãezinhas?

Continuaremos, é claro, a proclamar o *«combate ao populismo»* como urgência nacional – ao mesmo tempo que condenamos um país já pobre à miséria moral e material, vergamos as suas instituições democráticas e judiciais a um partido e sacrificamos a oportunidade da recuperação europeia em nome de um sonho de esquemas.

Desta vez, caro leitor, ninguém poderá dizer que não se sabia.

FEMME MEDECIN ALLEMANDE

C'EST LONG A LIRE MAIS OH COMBIEN ÉDIFIANT ET ECOEURANT « UN JOUR OU L'AUTRE, CA EXPLOSERA EN FRANCE COMME EN ALLEMAGNE»

Mme Merkel a ouvert les frontières allemandes toutes grandes à tous les *«migrants»...*

«Il y a maintenant un prix à payer pour nous tous !»

Hier, à l'hôpital, nous avons eu une réunion pour décider de la manière de gérer une situation devenue insoutenable ici, et dans les autres hôpitaux de Munich».

«Les cliniques ne peuvent plus gérer les situations d'urgence, de sorte qu'elles commencent à tout renvoyer vers les hôpitaux.»

Beaucoup de migrants musulmans refusent de manière agressive et parfois violente, d'être traités par du personnel féminin.

Et nous, les femmes soignantes, nous refusons maintenant de nous occuper de ces gens, venus d'Afrique, parce que nous avons peur.

Les relations entre le personnel, et les migrants vont de mal en pis.

Depuis le dernier week-end, les migrants qui arrivent dans nos hôpitaux doivent être accompagnés par la police avec des unités K-9.

Beaucoup de migrants ont le SIDA, la SYPHILLIS, la TURBERCULOSE et de nombreuses maladies exotiques que nous, en Allemagne, ne savons pas comment traiter.

Si on leur donne une prescription à aller chercher à la pharmacie, ils refusent de payer leurs médicaments.

Cela conduit à des réactions violentes incroyables, surtout quand il s'agit de médicaments pour les enfants.

Certains abandonnent alors leurs enfants au personnel de la pharmacie avec l'injonction : *«Alors, soignez-les vous-mêmes».*

« Ainsi, la police doit non seulement sécuriser les cliniques et les hôpitaux, mais aussi, désormais, les pharmacies !»

Où sont tous les *« pseudo-humanistes»* qui les accueillaient devant les caméras de télévision, avec des grands panneaux de *«Bienvenue»* dans les gares ?.

Pour le moment, la frontière a été fermée, mais un million d'entre eux sont déjà rentrés ici, et nous ne serons certainement pas en mesure de les intégrer correctement, ou de les renvoyer un jour chez eux.

Conséquence, ma remarque n'est pas du tout raciste, mais le nombre des chômeurs va logiquement augmenter, et très vite aussi c'est le nombre de délinquants qui augmentera en Allemagne.

Jusqu'à présent, le nombre de chômeurs en Allemagne était de 2,2 millions. Donc, ce chiffre va vite passer à au moins 3,5 millions.

La plupart de ces gens que je vois défiler dans nos services, sont malheureusement des hommes complètement inaptes au travail.

Seule une toute petite minorité d'entre eux, ont un minimum d'éducation et de formation.

Qui plus est, dans la majorité des cas, si leurs femmes les accompagnent, elles n'ont pas le droit de s'émanciper, et de travailler ..

Et j'estime qu'environ une sur dix arrive enceinte.

Des centaines de milliers de migrants ont amenés avec eux des nourrissons, et des enfants de moins de six ans, dont beaucoup sont maltraités, et gravement malades.

Si ça continue, et que l'Allemagne réouvre ses frontières, je retournerai vivre en République Tchèque.

Personne ne pourra me forcer à continuer à travailler à Munich dans ces conditions.

Et je serai mieux en République Tchèque, même avec un salaire divisé par deux.

J'ai voulu venir travailler en Allemagne dans un pays civilisé et évolué, pas dans un pays musulman, en Afrique ou dans les pays arabes.

«Même le professeur qui dirige notre service nous a dit, combien il était triste de voir une femme de ménage allemande, qui nettoie tous les jours depuis des années les couloirs, les chambres et les sanitaires pour [seulement] EUR 800, méprisée et humiliée par les migrants dans l'hôpital.

**Les jeunes hommes migrants qui attendent dans les couloirs, crachent par terre et sur les murs, jettent leurs détritus sur le sol, font leurs besoins dans les recoins et les placards, insultent les employées femmes, et exigent que tout soit gratuit, et quand on veut appliquer le règlement, ils deviennent violents.»*

«Face à ces comportements inadmissibles, je trouve les autorités allemandes trop conciliantes, et je suis certaine que la République Tchèque n'accepterait pas de tels débordements et incivilités.»

Personne n'ayant fait l'expérience d'être en contact avec eux, n'a la moindre idée de leur sauvagerie, et leur irrespect.

En particulier les Musulmans venant d'Afrique, ils se comportent avec une arrogance et un mépris incroyables, comme s'ils étaient supérieurs à notre personnel.

Et ils considèrent que leurs lois religieuses sont au-dessus de tous nos règlements.

«Pour l'instant, le personnel de l'hôpital a réussi à éviter la démotivation et les contaminations avec toutes les maladies qu'ils ont apporté ici, mais, avec les centaines de patients migrants qui arrivent chaque jour, les choses ne peuvent que finir mal .»

Dans un hôpital à proximité du Rhin, les migrants ont attaqué le personnel à coups de chaises, et avec des couteaux.

Ils avaient amené un bébé de 8 mois au bord de la mort, qu'ils avaient traîné à travers la moitié de l'Europe, pendant trois mois.

Ce bébé, bien qu'ayant reçu les meilleurs soins, a fini par mourir.

Le personnel a été frappé par les membres de la famille.

Le médecin qui s'était dévoué pour essayer de sauver le bébé, a été gravement blessé, et a dû subir une intervention chirurgicale, et deux infirmières ont dû être placées en soins intensifs.

Aucun des agresseurs n'a été arrêté, ni puni.

Les autorités ont interdit à la presse locale d'écrire un seul article à ce sujet, donc nous avons été informés de ces événements par des courriels de nos confrères.

Que serait-il arrivé à un Allemand s'il avait poignardé un médecin, et des infirmières dans un Hôpital ?

Ou s'il avait répandu sa propre urine infectée par la syphilis sur le visage d'une infirmière ?

Au minimum, il serait allé tout droit en prison. Mais, contre ces agresseurs migrants, jusqu'à présent, rien n'a été fait.

Pourquoi ??

Et je demande aussi, où sont passés tous ces gens qui les réceptionnent et les accueillent dans les gares ferroviaires ?

Assis tranquilles dans leurs maisons ?? profitant de leurs subventions d'associations *« à but non lucratif »?* (!) et impatients de voir arriver d›autres trains [plein d›immigrés] qui leur permettront de jouer à nouveau leur beau rôle d'«accueillants», pour justifier encore leurs parts du gâteau de subventions.

Je voudrais rassembler tous ces militants politiques « *accueillants »* et les amener ici au service des urgences de notre hôpital, comme infirmiers et aides-soignants, pour qu'ils découvrent la réalité des choses !

Et il faudrait les affecter au service des immigrés, pour qu'ils puissent s'occuper d'eux complètement, sans l'aide de la police armée, et sans chiens policiers ..

On verrait alors combien de temps durerait leur bel « *engagement soi-disant humaniste » !*

Pour ma part, je dis : ça suffit !!

L'Allemagne n'a pas les moyens d'accueillir et de soigner généreusement toutes les populations de l'Afrique et le Moyen Orient .

En France cela ne vaut guère mieux !

La marmite est sur le point d'exploser !*

A transmettre le plus possible !

Car ce n'est pas dans nos médias (aux ordres des gouvernements) que vous aurez ces infos...

Jeanne PUYOU
7 Allée des Basques
64500 CIBOURE

Alors, docteur

Hélène était une jeune médecin à domicile, qui vivait dans un immeuble d'un cartier populaire.

Cela faisait plusieurs jours que les voisins la voyaient partir en fin d'après-midi et revenir très fatiguée le matin.

Petit à petit, Hélène remarqua que chaque jour, de plus en plus de personnes apparaissaient à la fenêtre, et qui la regardaient d'un air méfiant en chuchotaient entre elles.

Les jours passaient et c'était de plus en plus tout le quartier qui venait à la fenêtre. À un moment donné, tous les balcons étaient remplis de monde chaque fois que Hélène entrait ou sortait de la maison.

Un jour, en la voyant rentrer le matin, les trais tirés, sa voisine, une vieille femme curieuse, lui demanda :

- ... Excusez ma question, mais est-ce vous êtes médecin?

- Non, je suis une prostituée. Pourquoi?

- Ah, quel soulagement! J'avais peur. Si vous étiez médecin on pourrait devenir tous infectés.

Alors, la vieille femme se tourne alors vers les gens du quartier et crie très fort:

- Fausse alarme! C'est une pute!

Il y eut un grand soupir de soulagement dans la rue, et tout le monde est rentré à la maison, continuant sa vie comme si de rien n'était.

Exilé à Abou Dhabi, l'ex-roi d'Espagne Juan Carlos « s'ennuie » et pourrait revenir

Confortablement installé aux Émirats, le souverain émérite aurait coché la date du 12 octobre, jour de fête nationale en Espagne, rapporte « Le Parisien ».

Par LePoint.fr

Depuis son départ en exil, l'ex-roi d'Espagne « s'ennuie » et a « envie de revenir ». (Photo d'illustration) © OSCAR DEL POZO / AFP

Le 3 août dernier, Juan Carlos Ier s'envolait de l'aérodrome de Vigo vers une destination inconnue pour le grand public, fuyant un scandale qui le suit depuis l'été 2018. Quelques heures plus tard, il a atterri à Abou Dhabi, aux Émirats arabes unis, où il a, depuis, élu domicile. Du moins jusqu'à aujourd'hui. Puisque selon des informations du Parisien, le souverain émérite pourrait bien revenir en Espagne le 12 octobre, jour de fête nationale.

En effet, depuis son départ en exil, l'ex-roi d'Espagne « s'ennuie » et a « envie de revenir », selon le site El Español. Celui qui a abdiqué il y a six ans en faveur de son fils Felipe passerait son temps au téléphone, en liaison avec son avocat Javier Sánchez-Junco, sa fille aînée, l'infante Elena, et ses amis navigateurs de Sanxenxo, explique le média espagnol.

Une suite fastueuse à 6 000 euros la nuit

Seulement, le retour du souverain émérite pourrait être vu d'un mauvais œil par la population. Alors que l'Espagne est empêtrée dans une grave crise économique à cause du coronavirus, lui habite l'un des plus luxueux hôtels du monde, l'Emirates Palace. Une fastueuse suite lui est louée là-bas, dotée d'une surface de 280 mètres carrés, d'une salle de bains avec jacuzzi, d'un vaste salon, d'une salle à manger et d'un majordome disponible 24 heures sur 24. Le tout pour la bagatelle de 6 000 euros la nuit. La note aurait d'ailleurs atteint 300 000 euros à la fin du mois de septembre, selon Le Parisien. Plutôt que de débarquer à Madrid, où l'accueil pourrait être glacial, Juan Carlos aurait donc choisi de s'installer en Galice.

Un don de 100 millions de dollars à l'origine du scandale

Pour rappel, si le roi émérite s'en est allé si brusquement, c'est qu'il n'a pas trouvé d'autre manière d'échapper au scandale qui le poursuit depuis deux ans. En 2018, la presse avait en effet révélé l'existence d'un don de 100 millions de dollars, versé par le ministère saoudien des Finances sur le compte suisse d'une fondation dont Juan Carlos est le bénéficiaire. Un virement fait en 2008, soit un an avant l'appel d'offres d'un marché ferroviaire saoudien qui sera attribué à des entreprises espagnoles, se remémore Le Parisien.

Mais le scandale ne s'arrête pas là, puisque Juan Carlos, connu pour ses aventures extraconjugales, a ensuite reversé les deux tiers de cette somme à son ex-maîtresse, l'ancienne princesse germano-danoise Corinna Larsen.

Maior do que o boné do meu sobrinho…

Por Henrique Monteiro

Num delirante diálogo no grande clássico (não estou a brincar, já são clássicos da nossa literatura moderna) *'Asterix entre os Bretões'*, penso que é Obélix que diz*: "é mais pequeno do que o jardim do meu tio… mas maior do que o boné do meu sobrinho".* Com esta descrição precisa sobre o tamanho de algo, arrumava-se uma questão. O Governo remodelado a semana passada é um objecto desta ordem. São mais unidos do que um partido, ou uma família, mas não tão chegados como uma seita.

Dei-me ao trabalho de tentar perceber a lógica das substituições, os padrões comuns, as pistas que deixam. É algo que faço amiúde para ocupar e, simultaneamente, descansar a cabeça. Por exemplo, a frase citada (maior do que o boné, mais pequeno do que o jardim) fazia parte do método de ensino de inglês para franceses quando se chegava aos comparativos ('*bigger than' e 'smaller than'*). Encheu-me de alegria perceber como os autores, Albert Uderzo e René Goscinny se tinham lembrado de algo tão genialmente non-sense. Afinal, estava no sistema educativo… é algo mais antigo e frequente do que se pensa.

Votando ao Governo, que vemos? Saiu, contrariada e sem aviso prévio, ao que parece, Jamila Madeira. Nasceu quando o seu pai, Luís Filipe Madeira, era deputado Constituinte. Jamila tinha em si o chamado 'gene' político. Assim, aos 22 anos já era deputada municipal em Loulé, concelho de onde é originária (nasceu em Alte), depois de, aos 19 anos, ter sido eleita para a Comissão Nacional da JS. Cumpriu, até aos 26, o mandato de deputada municipal, sendo que a partir de 1999 (com 24 anos) passou a acumular com o de deputada por Faro. Esteve no Parlamento os cinco anos seguintes, até 2004; voltou em 2009-2011 e, depois, em 2016. Em 2019 ascenderia ao Governo, do qual saiu agora. É licenciada em Economia, desde 1997 (22 anos) e foi quadro da REN desde o ano da licenciatura até 2009. Entre 2013 e 2016 voltou à REN. Tem, pois, o trajecto normal de uma jovem do seu tempo.

Saiu também Susana Amador. Licenciada em Direito, durante 10 anos presidente da Câmara de Odivelas; antes, fora presidente da Assembleia Municipal do mesmo Concelho e antes ainda, assessora do Grupo Parlamentar do PS. Mas o seu local de trabalho é na Segurança Social. De qualquer modo, pela biografia, há 25 anos que só se dedica à causa da Segurança Social platonicamente, porque no Governo estava na Equipa da Educação.

Alberto Souto de Miranda é outro dos que saem (ter de conviver com Pedro Nuno Santos não deve ser fácil). Alberto fora presidente da Câmara de Aveiro e depois dedicou-se ao mundo empresarial, embora com a suave (e sempre que necessária) protecção do Estado. É licenciado em Direito e por isso foi, antes de ser secretário de Estado, de onde transita para o Banco do Fomento (em criação), vogal não executivo do Conselho de Administração da Caixa Geral de Depósitos, presidente da Comissão de Governo da Caixa Geral de Depósitos, membro da Comissão de Auditoria e Controlo Interno da Caixa Geral de Depósitos, membro da Comissão de Nomeações, Avaliações e Remunerações da Caixa Geral de Depósitos, presidente do Conselho de Administração da Fundiestamo (que, para quem não sabe, gere o património do Estado).

Anteriormente exerceu vários cargos no Banco Europeu de Investimento (2012-2017); na Aveiro Pólis, (2001-2005); no Consórcio Aveiro - Cidade Digital (1998-2001) e no Banco Europeu de Investimento (1991-1998). Exerceu ainda cargos em entidades públicas não empresariais: foi vice-Presidente da Anacom, Autoridade Nacional das Comunicações (2006-2012); Presidente da Câmara Municipal de Aveiro (1998-2005); presidente da AMRia, Associação de Municípios da Ria (1998-2001); referendário do Advogado-Geral português no Tribunal de Justiça da União Europeia. Um homem que conhece a vida, é o mínimo que se pode dizer.

José Apolinário também saiu, para se candidatar à CCDR do Algarve (onde ganhará seguramente). Apolinário é do PS desde os 14 anos, foi líder da JS, deputado do PS, eurodeputado do PS, presidente da Câmara de Faro pelo PS e secretário de Estado das Pescas de Governos PS. Teve uma vida variada e propícia à abertura ao mundo.

Ana Pinho, que trabalhava com Habitação (e também sob a alçada de Pedro Nuno Santos), parece ter obra neste domínio. Foi professora de arquitetura, colaborou e fez várias intervenções nesse domínio, tem obra publicada. Seria um corpo estranho no Governo? Não sei.

E quem entra? Para a Saúde, Diogo Serras Lopes, um homem com carreira na banca, o que deverá fazer desconfiar a esquerda. E foi da banca, depois de ter sido jornalista de economia (dupla suspeita). Na área financeira foi da MC Fundos, Santander Asset Management e do Banco Best. Mas a luz começou a surgir-lhe depois de ser adjunto do gabinete da secretária de Estado Adjunta do primeiro-ministro, e no próprio gabinete do primeiro-ministro. Estava, como se costuma dizer, à mão.

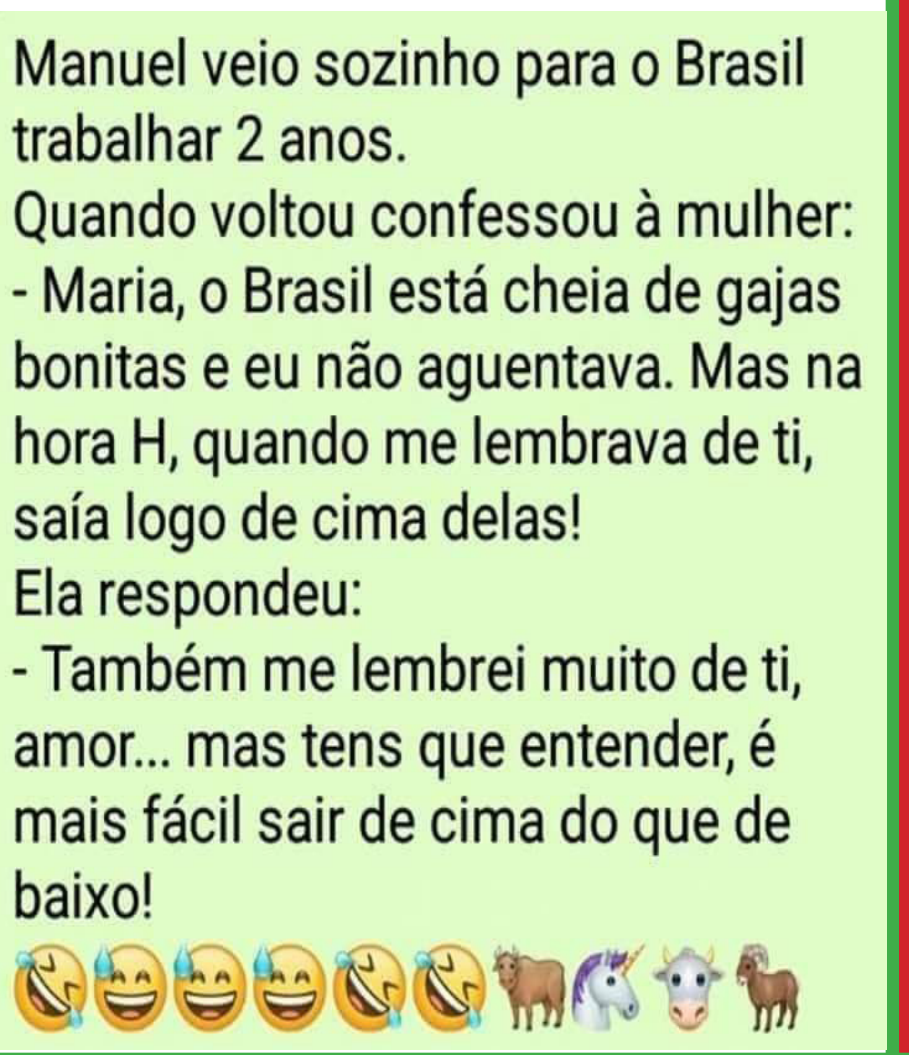
Entra Inês Rodrigues para secretária de Estado na Educação; tinha sido chefe de Gabinete do ministro e vai substituir Susana Amador, que invocou razões pessoais para sair.

Para 'ajudantes' de Pedro Nuno, entram Marina Gonçalves e Hugo Mendes. Tanto um como o outro, não sei se serão especialistas das pastas, mas são especialistas em Pedro Nuno, porque ambos já trabalhavam com ele; estavam, também, à mão.

Por último, para o lugar de Apolinário, entra Teresa Coelho, uma antiga administradora da Docapesca que já tinha sido assessora e chefe de Gabinete do secretário de Estado das Pescas, além de ter feito parte de outros gabinetes de governos.

Claro que o currículo de todos os substituídos e substituintes é muito maior. No âmbito das suas importantes funções participaram em fóruns, congressos, associações e coisas assim.

No entanto, a sensação que deixam é que, sendo maiores do que o boné do meu sobrinho, dificilmente ultrapassam o quintal do meu tio… E estou a ser simpático.



Selon les Arabes, « les Palestiniens Répètent les Mêmes Erreurs »

par Khaled Abu Toameh

Traduction du texte original: Arabs: «Palestinians Repeat the Same Mistakes»
Au rythme où vont les choses, les Palestiniens découvriront un beau matin qu'ils ont perdu tous leurs amis arabes.

- *« Les Palestiniens ont échoué à construire un État. Ils ont échoué parce qu›ils n›en voulaient pas. Je parle des dirigeants politiques, dont certains ne savent qu›ânonner des slogans révolutionnaires. Un État aurait été un fardeau pour les dirigeants palestiniens, car il les aurait empêché de se remplir les poches ... L'Autorité palestinienne n›est plus apte à représenter le peuple palestinien. »* - Farouk Youssef, écrivain irakien, Al-Arabiya, 19 septembre 2020.

- « *Israël n'a pas détruit la Syrie ; Israël n›a pas brûlé la Libye ; Israël n›a pas déporté le peuple égyptien ; Israël n›a pas détruit la Libye et Israël n›a pas déchiré le Liban. Arabes, avant de condamner Israël, regardez-vous dans le miroir. Le problème, c'est vous. » -*

- Wassem Yousef, clerc islamique des Émirats arabes unis, Twitter, 16 septembre 2020.*« Les dirigeants palestiniens ont raté toutes les occasions. Ils n'ont pas pris les bonnes décisions stratégiques et ont opté [à la place] pour une alliance avec l'Iran. »* - L'écrivain saoudien Yusef al-Qabalan, Al-Riyad, 18 septembre 2020.

- Les grands perdants sont à nouveau les Palestiniens - qui voient rapidement s'évaporer la sympathie d'un nombre croissant d'Arabes.

Plusieurs factions palestiniennes ont exhorté les représentants palestiniens à quitter la Ligue arabe pour protester contre le refus des pays arabes de condamner la normalisation avec Israël. Début septembre, les ministres des Affaires étrangères de la Ligue arabe ont refusé d'approuver un projet de résolution palestinien condamnant les Émirats arabes unis pour leur décision de faire la paix avec Israël. Photo : les ministres arabes des Affaires étrangères lors d'une réunion de la Ligue arabe au Caire, en Égypte, le 4 mars 2020 (Photo de Mohamed el-Shahed / AFP via Getty Images)

Les Palestiniens ont rappelé leurs ambassadeurs en poste aux Émirats arabes unis et à Bahreïn. Une manière d'exprimer leur mécontentement à ces deux États du Golfe qui ont signé un accord de paix avec Israël. Les Palestiniens menacent aussi de rappeler leurs ambassadeurs de tous les pays arabes tentés de nouer des relations avec Israël.

Plusieurs factions palestiniennes incitent également les dirigeants palestiniens à se retirer de la Ligue arabe pour protester contre son refus de condamner la normalisation avec Israël. Début septembre, les ministres des Affaires étrangères de la Ligue arabe ont refusé d'approuver un projet de résolution condamnant la décision des Emirats arabes unis de faire la paix avec Israël.

« Les résolutions de la Ligue arabe sont des gages donnés à l›administration sioniste américaine », ont déclaré les factions palestiniennes. *« La normalisation [avec Israël] est une énorme trahison de la cause palestinienne et un coup de poignard contre les sacrifices et la souffrance des Palestiniens et des Arabes. »*

Les menaces palestiniennes de retrait de la Ligue arabe et de rappel de tous les ambassadeurs des capitales arabes qui établiraient des relations avec Israël ont suscité moqueries et commentaires acerbes dans le monde arabe, en particulier dans les États du Golfe. Les réactions étaient unanimes : les Palestiniens n'ont rien appris de leurs erreurs.

Les critiques qui fusent en provenance du monde arabe sont un bon marqueur de l'animosité qui monte contre les dirigeants palestiniens. Au train où vont les choses, les Palestiniens pourraient découvrir un beau matin qu'ils n'ont plus un seul ami au sein du monde arabe.

Les menaces des Palestiniens et leurs charges au quotidien contre les Émirats arabes unis et Bahreïn accusés d'avoir *« trahi la mosquée Al-Aqsa, Jérusalem et la cause palestinienne »,* choquent de nombreux Arabes. Ils sont nombreux aujourd'hui à élever la voix pour rappeler aux Palestiniens qu'ils n'ont pas raté une occasion de rater la paix.

Le journaliste libanais Khairallah Khairallah s'est dit scandalisé que les Palestiniens aient qualifié de « jour noir » la cérémonie de signature des accords de paix à la Maison Blanche.

Khairallah a rappelé que l'expulsion des Palestiniens de Jordanie au début des années 1970 est restée dans leur mémoire comme un « *Septembre noir* ». Après la défaite jordanienne de 1967 dans la guerre des Six jours, a-t-il expliqué, le roi de Jordanie avait autorisé l'OLP à établir des bases militaires en principe dirigées contre Israël. Mais une faction palestinienne dissidente a tenté de créer un État dans l'État en Jordanie et même d'assassiner le roi Hussein. En riposte à cette tentative de coup d'Etat, le roi a expulsé les Palestiniens vers le Liban. Là, les Palestiniens ont contribué à la guerre civile libanaise qui a commencé en 1975 et ont continué à lancer des attaques terroristes contre Israël. En 1982, après qu'Israël ait détruit les bases palestiniennes du sud-Liban, les Palestiniens ont de nouveau été expulsés, vers la Tunisie cette fois.

« *Cinquante ans après « Septembre noir », - quel que soit le nom que vous lui donnez -, rien n›a changé »,* écrit Khairallah.

« Les dirigeants palestiniens refusent de tirer les leçons de leurs expériences. Les organisations armées palestiniennes ont répété leur expérience jordanienne au Liban. Elles ont contribué à la destruction du Liban [pendant la guerre civile]. La cause palestinienne aurait-elle tiré un quelconque bénéfice du renversement du roi Hussein dans les années 1970 ? »

Khairallah a ajouté qu'en 1990, Yasser Arafat, ancien dirigeant de l'OLP, avait commis l'« *énorme erreur »* de soutenir l'invasion du Koweït par Saddam

J Y M ARCHITECTURE

Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.
Technologue en Architecture
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com

ORDRE DES TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS DU QUÉBEC

Hussein. Après qu'une coalition dirigée par les États-Unis ait renvoyé en 1991 l'armée irakienne en Irak, le Koweït et d'autres Etats du Golfe ont expulsé un demi-million de travailleurs Palestiniens en raison du comportement déloyal de leurs dirigeants.

« Yasser Arafat n'a rien appris de la Jordanie et du Liban », a-t-il ajouté.

« On aurait pu croire qu'Abou Mazen [Mahmoud Abbas] aurait tiré les leçons des calamiteuses erreurs de Yasser Arafat en Jordanie et au Liban, mais il a pris le pire de Yasser Arafat. Un demi-siècle après « *Septembre Noir* » comme disent les Palestiniens, *« rien n›a changé. Les Palestiniens ont toujours la capacité de faire les mêmes erreurs. » (Al-Arab, 20 septembre 2020)*

L'analyste politique saoudien Sami al-Morshid a rappelé lui aussi que les dirigeants palestiniens ont raté plusieurs occasions de signer la paix. Chaque fois que les Palestiniens ont rejeté un accord, a déclaré al-Morshid, *« ils ont mal joué ».*

« Malheureusement, les dirigeants palestiniens répètent les mêmes erreurs. Ils ont condamné les traités de paix que les Egyptiens et les Jordaniens [ont signé avec Israël], et ils ont rejeté l'initiative de paix du président américain Bill Clinton [au sommet de Camp David de 2000]. Aujourd'hui, ils rejettent l'initiative de paix du président Donald Trump et ils condamnent les traités de paix des Émirats arabes unis et de Bahreïn. »

L'écrivain irakien Farouk Youssef estime lui, que le problème des Palestiniens est que leurs dirigeants n'ont jamais voulu d'un État :

« Ils ont échoué à établir leur État parce qu'ils n›en voulaient pas. Je parle surtout de ces dirigeants politiques qui vont ici et là répétant toujours les mêmes slogans révolutionnaires. Un État palestinien sera un fardeau pour ces palestiniens-là, car il les empêcherait de se remplir les poches. Les Palestiniens doivent prendre conscience que les gens sont fatigués. L'Autorité Palestinienne n›est plus à même de représenter le peuple palestinien. » (Al-Arabiya, 19 septembre 2020)

Le journaliste égyptien Imad Adeeb affirme que la direction palestinienne aurait dû prendre ses distances avec le Qatar, la Turquie et l'Iran. Tout comme elle aurait dû éviter d'insulter et de calomnier les Arabes :

« Si j'étais membre de la direction palestinienne, j'aurais milité pour l'abandon de l›intransigeance politique et j›aurais mis un terme aux insultes, à la calomnie et à la violence verbale ... Si j›étais le leader des Palestiniens, j'aurais profité de l'initiative de paix des EAU. En tant que dirigeant palestinien, je n›aurais pas fait le jeu du Qatar, de la Turquie et de l›Iran contre les États arabes modérés. » (Al-Watan, 8 septembre 2020)

L'écrivain saoudien Yusef al-Qabalan a également accusé les dirigeants palestiniens d'avoir rejeté toutes les initiatives en faveur de la paix. A commencer par l'Initiative de paix arabe à laquelle tous les dirigeants arabes s'étaient ralliés en 2002 :

« Des dirigeants palestiniens réalistes auraient activé cette initiative politique arabe de toutes les manières possibles au plan international. Au lieu de cela, les dirigeants palestiniens ont répondu à toutes les initiatives de paix avec une rhétorique de trahison et des slogans creux. Les dirigeants palestiniens pris le parti de l›Iran, de la Turquie et du Qatar qui ont trafiqué leur cause ; ils ont perdu leur carte la plus forte, qui est celle de l›unité nationale. Les dirigeants palestiniens n›ont pas saisi les occasions qui se présentaient. Ils ratent les choix stratégiques et optent à la place pour une alliance avec l›Iran. » (Al-Riyad, 18 septembre 2020)

Le clerc islamique émirati Wassem Yousef, s'adressant aux Palestiniens et aux Arabes en général qui rejettent la paix avec Israël, a écrit sur Twitter:
« Israël n'a pas détruit la Syrie ; Israël n›a pas brûlé la Libye ; Israël n›a pas déporté le peuple égyptien ; Israël n'a pas détruit la Libye et Israël n›a pas déchiré le Liban. Arabes, avant de condamner Israël, regardez-vous dans le miroir. Le problème c›est vous. »

Les dirigeants palestiniens ont superbement ignoré les messages et conseils de leurs frères arabes. Les dirigeants palestiniens de Cisjordanie et le Hamas qui règne dans la bande de Gaza n'aiment pas qu'on leur rappelle leurs erreurs. Et ils n'acceptent aucun conseil, même quand il vient d'États arabes qui ont versé des milliards de dollars dans leurs caisses. Les plus grands perdants, bien sûr, sont à nouveau les Palestiniens - qui voient rapidement s'éloigner la sympathie d'un nombre croissant d'Arabes.

Khaled Abu Toameh, journaliste primé basé à Jérusalem, est Shillman Journalism Fellow au Gatestone Institute.

Viver com menos para viver mais

Por Max Kaiser
Tradução de Espanhol para Português/ABC

Desde pequeno que me ensinaram a querer e a procurar mais de tudo. A vida se tratava de ter mais, de procurar mais, de querer mais. Qualquer coisa, material ou imaterial, era apenas um patamar para procurar mais. Tudo se faz velho e insuficiente, cada vez mais rápido. E assim, a vida é somente uma corrida frenética de acumulação e substituição. Mais de tudo e todo o tempo

E, sem aviso, chegou a pandemia. Esse travão de mão brutal que não vimos chegar. E a correria interminável para o acumular e substituir parou abrutamente. De um dia para o outro reduziu-se o espaço que habito e o número de pessoas com que interajo e a quantidade de coisas que um dia terei de fazer.

No princípio, como muitos, imaginava que seria um simples travão temporáro. Umas férias em casa. Um sabático de 4 semanas. Rápido voltaríamos à normalidade. Os projectos podiam esperar e a família ia aguentar.

Porém as 4 semanas transformaram-se em 6 meses. Os projectos morreram e a família está farta de estar fechada.

Sem dar-me conta tive de aprender a viver com menos de tudo.

Menos espaço para mexer-me. Menos ccompromissos por dia. Menos gastos, Menos diversão e contactos com diferentes pessoas. Menos tráfico e menos contaminação. Menos privacidade e menos espaços próprios. Menos distractivos. Menos alternetivas. Menos coisas. Menos luxos. Menos formalidades.

De um momento para outros deixei de usar camisas, sacos, gravatas e sapatos de fatos completos.

Três quartas partes do meu guarda-fatos foram esquecidos. Duas ou três pares de calças, uns calções euns tenis passaram a ser suficientes para voltar a casa, com as mesmas pessoas de sempre, para fazer o mesmo todos os dias.

As coisas acumuladas ao longo dos anos começaram a estorvar.
Os espaços da casa que antes eram lugares de passagem, converteram-se em espaços vitais.

Habitar passou a ser mais importante que acumular.

Viver começou a ser mais importante que substituir e renovar.
Existir e resistir começou a ser mais importante que presumir e ensinar.
A vida passou a viver-se mais lenta, mias monótona e mais repetitiva.
Muitas pessoas que pareciam imprescendíveis na minha vida simplesmente deixaram de existir.
Dezenas de coisas que pareciam essenciais no dia-adia ficaram guardadas num caixão.
Um computador portátil, um telefone, uma caneta, uns pulmões e um converteram-se nas coisas que realmentenecessito para existir e resistir.
Viver e resistir, a única coisa que importa hoje. O que é demais estorva.
Viver com menos gerou o espaço que necessitava para viver com mais.
Viver comm menos pessoas permitiu-me gozar mais com as que tenho.
Viver com menos espaço obrigou-me a ver-me a mim mesmo e a conviver comigo.
Viver com menos coisas gerou um lugar para criar novas e melhores.
Viver com menos dinheiro obrigou-me a valorizar mais o que tenho e fazê-lo render.
Viver com menos agentes cómicos obrigou-me a tomar mais atenção.
Viver com menos formalidades obrigou-me a entender melhor as prioridades.
Viver com menos obrigações permitiu-me voltar a sentir o prazer de servir.
Não estou fazendo a lista de agradecimentos à vida neste momento porém, se quero recordar sempre, porque 2020ensinou-me a viver com menso, na realidade permite-me viver com mais...

Nova exposição sobre "comunicações" a inaugurar brevemente no MUSEU DO COMBATENTE

Já aqui falámos das peças que constituem esta exposiçaõ, que chegaram da sede da Liga dos Combatentes na Rua da Rosa, ao Museu do Combatente em Belém, algumas cheias de ferrugem e sujas pelos anos que estiveram guardadas numa garagem, e o lento, demorado, cuidadoso e paciente processo de restauro que começou há meses.

Um trabalho de grupo, que gerou um entusiasmo que envolveu não só o Presidente da Liga dos Combatentes, TGeneral Chito Rodrigues como a Directora de Marketing e Logística, Isabel Martins, que têm coordenado os trabalhos destas limpezas e pinturas. O Sr. Faustino, que com a sua experiência tem transmitido aos restantes funcionários o seu saber, que ajudou na recuperação das peças, bem como a minúcia de algumas operações.

Mostrámos então aqui algumas fotos de peças que , após um trabalho quase finalizado de recuperação, começam a ser colocadas nos lugares finalmente determinados.

De realçar alguns trabalhos lindíssimos de encadernação e impressão, que mostram a qualidade que tornava conhecida no País a antiga tipografia da Liga dos Combatentes

Esta exposição vai contemplar a evolução da comunicação através dos tempos, começando pela palavra, a escrita, e todo o desenvolvimento e modernização, da máquina de escrever ao computador, por exemplo, e os grandes inventores como Bell, Barbagge, e outros, cuja informação será pormenorizada noutro artigo.

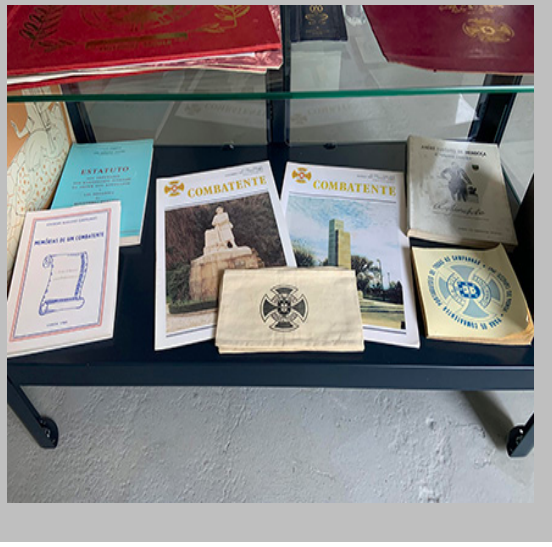
Nas Comunicações militares daremos relevo ao Rádio ANGRC 9, amplificador, fontes de alimentação e acessórios.

Na verdade, a expectativa do "finalmente" contagiou a equipa, e todos temos participado activa e alegremente para a sua rápida concretização.

Isabel Martins, marketing do Museu do Combatente, 7 de Outubro de 2020

25

NOTICIAS DOS NUCLEOS
NOTICIAS DOS NUCLEOS


ESTATUTO
COMBATENTE
COMBATENTE

Viram o mesmo debate que eu?

Por: José António Saraiva

No fim de tudo, o que mais me surpreende nestas eleições americanas é a parcialidade dos jornalistas e comentadores. Na TV portuguesa, não vi um único afeto a Trump e vi uma multidão a defender Biden.

Quando acabou o debate entre Trump e Biden, já passava das 3h30 da madrugada de 4ª feira, um amigo que não o tinha visto perguntou-me como correra. Respondi: *«Foi um debate vivo, com alguns momentos de tensão, e Trump ganhou claramente».*

Dos sete temas discutidos, Trump venceu em cinco, perdeu num (a pandemia) e empatou noutro (as alterações climáticas).

Mas mais importante do que isso foi a imagem projetada por cada um dos candidatos. Qualquer crítico de TV sabe que, num debate destes, a imagem que se projeta sobrepõe-se muitas vezes às palavras que são ditas. Ora, enquanto Trump se apresentou como um homem ainda fisicamente vigoroso, com energia, Biden parecia um velhinho, tropeçando às vezes nas frases, capaz de ser derrubado por uma brisa mais forte.

E eu perguntava-me: independentemente de se ser de direita ou de esquerda, com que confiança um eleitor vai entregar a liderança de um grande país como a América a um homem que transmite uma tão grande sensação de fragilidade física?

Foi com esta ideia que me deitei. Mas no dia seguinte, ao levantar-me, o que ouvi na rádio e na TV era quase o oposto: fora «*o pior debate da história da América*», pareciam dois homens *«chafurdando na lama»,* etc., e Biden tinha ganho. E eu interroguei-me: terão visto o mesmo debate que eu?

Não viram. Julgo que muitos comentadores não viram o debate – viram um resumo. Ora, num condensado de dois minutos com os momentos mais tensos da disputa, pode ficar a ideia de um confronto terrível. Mas para quem, como eu, viu aquelas cenas distribuídas por hora e meia, a sensação foi outra.

Nenhum dos candidatos gritou, ambos mantiveram quase sempre uma postura tranquila, raramente se exaltaram. Claro que houve momentos mais tensos, mas se não houvesse era uma chatice. Também se argumentou que Trump interrompeu várias vezes Biden, quando havia um acordo para não se interromperem. É verdade. Mas quantas vezes na TV portuguesa vemos nos debates os intervenientes interromperem-se, às vezes de forma ostensiva e deselegante? E, do ponto de vista televisivo, alguns desses momentos foram até os melhores. Se tivéssemos tido durante hora e meia dois homens a papaguearem alternadamente monólogos, teria sido um tremendo aborrecimento.

Aliás, tudo o que se passou foi previsível, pelo que surpreende a estranheza dos comentadores. Toda a gente sabe que Trump é truculento, provocador, por vezes malcriado. E não havia razão para ali ser diferente. E era natural que, vendo-se agredido, Biden reagisse uma vez por outra com agressividade. Por isso, repito, mesmo os momentos mais tensos eram previsíveis. Aqui em Portugal tivemos debates muito mais constrangedores, como um frente-a-frente entre António José Seguro e António Costa recheado de acusações pessoais de *«traição».*

Então o que se terá passado para a reação dos comentadores ser tão violenta?

A meu ver, perante a derrota notória de Biden, embora as sondagens lhe dessem a vitória (recorde-se que há quatro anos passou-se o mesmo: os inquéritos depois dos debates davam a vitória a Hillary mas toda a gente sabia que Trump os vencera), os comentadores tentaram amenizar o facto dizendo que o debate foi horrível.

No fim de tudo, o que mais me surpreende nestas eleições americanas é a parcialidade dos jornalistas e comentadores. Na TV portuguesa, não vi um único afecto a Trump e vi uma multidão a defender Biden.

Fotos Net

Ora, com tantos defeitos, sem uma úica qualidade, é estranho como Trump foieleito presidente dos EUA.

Não tenho qualquer simpatia por Donald Trump, que deve ser um homem insuportável. Mas incomoda-me profundamente o sectarismo, a falta de isenção dos comentadores e sobretudo dos jornalistas. Ouvi-los a dizer todos o mesmo, como cãezinhos amestrados a reproduzir a mesma música, desgosta-me. É patético. Num debate como este, os canais televisivos tinham a obrigação estrita de convidar comentadores próximos de cada uma das partes – e não a puxarem todos para o mesmo lado.

Não sou dado a acreditar em teorias da conspiração. Mas perante os tremendos ataques a Trump, pergunto: que poderosos interesses está ele a afrontar para alimentar tantos ódios? Que verdades está a pôr em causa para ter gente contra ele? Dá que pensar…